

Os Passos Perdidos

Alejo Carpentier

Tradução de António Santos



O AUTOR

Alejo Carpentier nasceu em Havana, em 1904. O pai era um arquitecto francês que chegara a Cuba dois anos antes. Aos 17 anos, abandonou os seus estudos de Arquitectura, para se dedicar ao jornalismo. Depois de dirigir a revista Carteles e de ter colaborado na fundação de outra, Avance, foi preso por motivos políticos, durante a ditadura de Machado.

Na prisão, começou a escrever o seu primeiro livro, Ecué Yamba-O, que será publicado em 1933. Entretanto, em 1928, conseguiu embarcar clandestinamente para França, aí vivendo até ao início da Segunda Guerra Mundial.

De regresso a Cuba, trabalhou na Rádio. Em 1945, passou a viver na Venezuela, voltando novamente a Cuba em 1959, após o triunfo da Revolução Cubana, para dirigir a Editora Nacional e participar na renovação cultural do seu país. Em 1960, foi para Paris, na qualidade de adido cultural. Morreu na capital francesa em 1980.

Os verdadeiros protagonistas do romance são a paisagem abrupta, quase primitiva, e as visões de lugares muito raramente visitados pelo «homem civilizado».

O autor cria assim aquela atmosfera de magia e sensualidade a que chamou o «real maravilhoso americano», atmosfera essa em que se situa a América, como o desafio de um Novo Mundo, de uma América entrevista apressadamente por viajantes e poetas, mas poucas vezes correctamente apreendida.



CAPÍTULO PRIMEIRO

E os céus que estão sobre a tua cabeça serão de bronze; e a terra que está debaixo de ti será de ferro. E tacterás ao meio-dia, como o cego taceia na escuridão.

DEUTERONÓMIO, 28-23-28

I

Há quatro anos e sete meses que eu não via a casa de colunas brancas, com o seu frontão ornado de carrancudas molduras, que lhe dava um ar austero de palácio de justiça, e agora, perante móveis e velhos trastes colocados nos mesmos lugares tinha a quase penosa sensação de que o tempo regredira. A mesma cortina cor de vinho, a mesma gaiola vazia, a mesma roseira a trepar pela parede. Mais além, estavam os ulmeiros que eu ajudara a plantar nos dias de grande euforia, quando todos nós colaborávamos na obra comum; junto ao tronco envelhecido, o banco de pedra que fiz ressoar como madeira, com o bater dos meus tacões. Por detrás, o caminho para o rio, com as suas magnólias anãs, e o gradeamento de intrincados arabescos à maneira de Nova Orleães. Como na primeira noite, andei pelo átrio, ouvindo a mesma ressonância oca sob os meus passos e atravessei o jardim para chegar mais rapidamente ao local onde se moviam, em grupos, os escravos marcados a ferro, as amazonas de saias enroladas no braço e os soldados feridos, esfarrapados, com ligaduras mal atadas, aguardando a sua hora no meio de sombras tenebrosas, fedendo a betume, a feltros velhos, a suores acumulados nas mesmas labitas. Saí a tempo da zona iluminada, quando o disparo do caçador se fez ouvir e um pássaro tombou no palco do segundo terço de bambolinas. A crinolina de minha mulher voou por cima da minha cabeça, pois encontrava-me precisamente no sítio por onde ela entrava em cena, estorvando-lhe a passagem já de si estreita. Por ser menos penoso, dirigi-me ao seu camarim, e

aí tomei consciência do tempo: tudo demonstrava claramente que quatro anos e sete meses não se passavam sem desgastar, desluzir e murchar. As rendas dos remates estavam ruças; o cetim negro da cena do baile perdera a bela rigidez que o fizera ranger em cada reverência, como um revoltear de folhas secas. Até as paredes do aposento se tinham deteriorado, por serem sempre tocadas nos mesmos sítios, mostrando assim as marcas da sua longa convivência com os cosméticos, as flores retardadas e os trajes da fantasia. Sentado agora no divã, que de verde-mar passara a verde-cinza, consternara-me pensar quão dura se tornara, para Ruth, essa prisão de tábuas e artifícios, com suas pontes volantes, suas teias de cordel, suas árvores pintadas. Na altura da estreia dessa tragédia da Guerra da Secessão, quando nos tocou a nós ajudar o jovem autor, servido por uma companhia recém-saída de um teatro experimental, entrevistamos no máximo uma aventura de vinte noites. No entanto, atingimos as mil e quinhentas representações, sem que as personagens, ligadas por contratos sempre prorrogáveis, tivessem alguma possibilidade de se evadir da acção depois que os empresários, utilizando o generoso ardor da juventude em proveito dos seus grandes negócios, receberam a obra na sua sociedade. Assim, para Ruth, longe de ser uma porta aberta sobre o vasto mundo do Drama — uma forma de evasão — este teatro era a Ilha do Diabo. Suas breves fugas, quando se permitia tomar parte em espectáculos de beneficência, sob o penteado de Pórcia ou a túnica de alguma Ifigénia, não lhe traziam grande alívio, pois por debaixo de um vestido diferente os espectadores procuravam a rotineira crinolina, e na voz que pretendia ser a de Antígona, todos encontravam as inflexões de contralto da Arabela, que agora no palco aprendia com Booth — numa situação que os críticos tinham por prodigiosamente inteligente — a pronunciar correctamente o latim, repetindo a frase: *Sic semper tyrannis*. Seria necessário, no entanto, ter o génio de uma trágica ímpar para se libertar desse parasita que se alimentava do seu sangue; daquela hóspede de seu próprio corpo, incrustada em sua carne como um mal sem remédio. A vontade de romper com o contrato não lhe faltava. Porém, essas revoltas pagavam-se, no ofício, com um longo desemprego, e Ruth, que começara a dizer o texto com a idade de trinta anos, via-se chegada aos trinta e cinco, repetindo os mesmos gestos, as mesmas palavras, todas as noites da semana, todas as tardes de domingo, sábados e dias feriados — sem contar com os espectáculos das digressões estivais. O sucesso da obra aniquilava lentamente os seus intérpretes, que iam envelhecendo à vista do público de dentro de suas roupas imutáveis, e quando um deles morrera de enfarte, certa noite, pouco depois de cair o pano, a companhia, reunida no cemitério na manhã seguinte, exibira — talvez, sem se dar conta — uma aparatosa roupa de luto que mais fazia

lembrar um daguerreótipo. Cada vez mais desgostosa, menos esperanças em atingir uma carreira que, apesar de tudo, amava por profundo instinto, a minha mulher deixava-se arrastar pelo automatismo do trabalho imposto, como eu me deixava arrastar pelo automatismo da minha profissão. Dantes, pelo menos, tentava manter a sua forma por uma contínua releitura dos grandes papéis que sempre desejara interpretar. Passava de Norah a Judith, de Medeia a Teza, com uma renovada ilusão; porém, essa ilusão fora vencida, finalmente, pela tristeza dos monólogos declamados frente ao espelho. Na impossibilidade de fazer coincidir normalmente as nossas vidas — as horas da actriz não são as do empregado —, acabámos por dormir cada um em seu lado. Ao domingo, pelo fim da manhã, costumava passar uns momentos na sua cama, cumprindo com o que eu considerava um dever de esposo, sem saber, no entanto, se na realidade esse meu acto correspondia a um verdadeiro desejo de Ruth. Era provável que ela, por sua vez, se julgasse obrigada a entregar-se a essa prática física semanal em virtude de uma obrigação contraída no momento da assinatura do nosso contrato matrimonial. Eu, por meu lado, agia impulsionado pela ideia de que não devia ignorar a possibilidade de uma necessidade que me era dado satisfazer, calando assim, por uma semana, certos escrúpulos de consciência. O certo era que esse amplexo, ainda que maquinal, voltara a apertar, uma vez mais, os laços frouxos pela divergência das nossas actividades. O calor do corpo restabelecia uma certa intimidade, que era como um breve regresso ao que fora nos primeiros tempos a nossa casa. Regávamos o gerânio esquecido desde o domingo anterior; mudávamos um quadro de lugar; fazíamos as contas dos gastos domésticos. Porém, os sinos de um carrilhão vizinho advertiam-nos de que a hora da reclusão era chegada. E ao deixar a minha mulher no palco, ao princípio da tarde, tinha a impressão de a devolver a uma prisão onde cumprisse uma condenação perpétua. Ouvia-se o disparo, o falso pássaro tombava do segundo terço de bambolinas, e dava-se por terminado o Convívio do Sétimo Dia.

Hoje, no entanto, alterara-se o preceito dominical, por culpa daquele soporífero ingerido de madrugada para conseguir um sono rápido — que não me chegava como dantes, quando vendava os olhos, a conselho de Mouche. Ao despertar, dei-me conta que a minha mulher tinha partido, e a confusão de roupas meio saídas das gavetas da cómoda, os tubos de maquilhagem atirados para um canto, as caixas de pó-de-arroz e os frascos de perfume abandonados por toda a parte, denunciavam uma inesperada viagem. Ruth regressava, agora, do palco, acompanhada por um rumor de aplausos, desatando pressurosamente os colchetes de seu corpete. Fechou a porta com um coice que, de tanto se repetir, desgastara a madeira, e a crinolina, lançada por sobre a sua cabeça, esparramou-se na alcatifa de

uma ponta à outra. Ao libertar-se dessas rendas, o seu corpo branco causou-me uma agradável revelação, e já me aproximava para o acariciar, quando sobre a sua nudez caiu um veludo que tinha o odor dos retalhos que minha mãe guardava, na minha infância, nas profundezas da sua arca de mogno. Uma onda de cólera subiu-me à cabeça, contra o estúpido papel que sempre se interpunha entre as nossas pessoas como a espada do anjo das hagiografias; contra aquele drama que dividira a nossa casa, arrastando-me para a outra — aquela cujas paredes se adornavam de símbolos astrais —, onde o meu desejo encontrava sempre um espírito propício ao abraço. E fora para favorecer essa carreira nos seus difíceis começos, para ver feliz aquela que então muito amava, que dei um rumo diferente à minha vida, procurando a segurança material no ofício de que era escravo, assim como ela do seu! Agora, de costas para mim, Ruth falava-me através do espelho, enquanto manchava o rosto inquieto com as cores gordurosas da maquilhagem: explicava-me que, depois da representação, a companhia empreenderia, de seguida, uma digressão à outra costa do país e que por essa razão trouxera as suas malas para o teatro. Perguntou-me distraidamente pelo filme apresentado na véspera. Ia contar-lhe do êxito alcançado, lembrando-lhe que o fim desse trabalho significava o começo das minhas férias, quando bateram à porta. Ruth pôs-se de pé, e eu vi-me perante quem, uma vez mais, deixava de ser a minha mulher para se transformar em protagonista; prendeu uma rosa artificial à cintura, e, com um ligeiro gesto de desculpa, encaminhou-se para o palco, cujo pano à italiana acabava de abrir-se levantando no ar um cheiro a poeira e a madeiras velhas. Entretanto, voltou-se para mim, num aceno de despedida, e tomou a vereda das magnólias anãs... Não me senti com coragem de esperar pelo intervalo seguinte, em que o veludo seria trocado pelo cetim, e uma nova camada de cosméticos se espalharia sobre a anterior. Regressei a nossa casa, onde a desordem da partida pressurosa revelava ainda a presença da ausente. O peso de sua cabeça imprimira-se sobre a almofada; havia, na mesa-de-cabeceira, um copo com água meio bebido, com um precipitado de gotas verdes, e um livro aberto num fim de capítulo. A minha mão podia sentir a mancha ainda húmida de uma loção derramada. Uma folha de agenda, que eu não vira quando entrara no quarto anteriormente, informava-me da inesperada viagem. *Beijos. Ruth. P. S. Há uma garrafa de xerez na secretária.* Senti uma terrível sensação de solidão. Era a primeira vez, em onze meses, que me via sozinho, fora da cama, sem uma tarefa a cumprir no momento, sem ter de correr para a rua com medo de chegar atrasado a algum sítio. Estava longe do aturdimento e da confusão dos estúdios, num silêncio que não era quebrado por músicas mecânicas nem vozes amplificadas. Nada me afligia e, talvez por isso mesmo, sentia-me objecto

de uma vaga ameaça. Nesse quarto abandonado, onde o perfume revelava ainda uma presença, encontrava-me como que desconcertado pela possibilidade de dialogar comigo mesmo. Surpreendia-me falando-me a meia-voz. Novamente deitado, olhando o tecto, rememorava os últimos anos passados: via-os rolar do Outono à Primavera, do vento gelado ao amolecimento do asfalto, sem ter tempo de os viver — sabendo, repentinamente, pelos anúncios de um restaurante nocturno, do regresso dos patos selvagens, do bom estado das ostras, ou do reaparecimento das castanhas. Sabia, às vezes, também, da passagem das estações pelos sinos de papel vermelho em exposição nas vitrinas das lojas, ou pela chegada de camiões carregados de pinheiros cujo perfume deixava a rua como que transfigurada durante uns segundos. Havia enormes lacunas de semanas e semanas na crónica da minha vida; períodos que não me deixavam qualquer recordação que valesse a pena, alguma marca de excepcional sensação, alguma emoção duradoura; dias em que todos os gestos me causavam a obsessiva impressão de os ter feito já em circunstâncias idênticas — de me ter sentado no mesmo recanto, de ter contado a mesma história, olhando o veleiro aprisionado no cristal de um pisa-papéis. Quando se festejava o meu aniversário no meio das mesmas caras, nos mesmos lugares, com a mesma canção repetida em coro, assaltava-me invariavelmente a ideia de que ele não diferia do aniversário anterior a não ser pelo aparecimento de mais uma vela sobre um bolo cujo gosto era igual ao precedente. Subindo e descendo a encosta dos dias, com a mesma pedra aos ombros, sustinha-me por meio de um impulso adquirido à força de paroxismos — impulso esse que cederia mais tarde ou mais cedo, a uma data que talvez figurasse no calendário do ano em curso. Mas evadir-me disso, no mundo que o destino me reservara, era tão impossível como tentar reviver, na época actual, certas gestas santas ou heróicas. Caíramos na era do Homem-Vespa, do Homem-Ninguém, onde as almas não se vendiam mais ao Diabo, mas ao Contabilista ou ao Carcereiro. Compreendendo que toda a revolta era vã, após um desenraizamento que me fez viver duas adolescências — a que ficava do outro lado do mar e a que aqui se encerrara —, não via onde encontrar alguma liberdade fora da desordem das minhas noites, em que tudo era um bom pretexto para me entregar aos mais reiterados excessos. A minha alma diurna estava vendida ao Contabilista — pensava eu, escarnecendo de mim próprio —; mas o Contabilista ignorava que, de noite, eu empreendia estranhas viagens pelos meandros de uma cidade invisível para ele, cidade dentro da cidade, com moradas para esquecer o dia, como o Venusberg e a Casa das Constelações, quando um vicioso desejo, avivado pelo álcool, não me levava aos secretos apartamentos, onde o nome se perde ao entrarmos lá. Subjugado à minha técnica, entre relógios, cronó-

grafos, metrónomos, em salas sem janelas, revestidas de feltros e matérias isolantes, sempre iluminadas com luz artificial, procurava, instintivamente, quando me encontrava todas as tardes na rua já anoitecida, os prazeres que me faziam esquecer a passagem das horas. De costas para os relógios, bebia alegremente, até cair de borco ao pé de um despertador, invadido por um sono que eu procurava adensar colocando sobre os olhos uma mascarilha negra que me daria, adormecido, um ar de Fantomas em repouso... Esta cómica imagem pôs-me de bom humor. Emborqueei um grande copo de xerez, decidido a aturdir a voz da razão que se levantava na minha consciência; tendo recuperado, com este vinho, o calor que o álcool me comunicara na véspera, pus-me à janela do quarto de Ruth, cujos perfumes começavam a recuar perante um persistente odor de acetona. Depois dos cabelos grisalhos entrevistos ao despertar, chegara o Verão, escoltado por sirenes de navios que se respondiam de rio a rio por cima dos edifícios. Lá no alto, entre as evanescências de uma bruma morna, eram os píncaros da cidade: as agulhas sem pátina das igrejas cristãs, a cúpula da igreja ortodoxa, as grandes clínicas onde ficavam Eminências Brancas, sob os travejamentos clássicos, demasiado escorados por causa da altura, daqueles arquitectos que, em princípios do século, perderam o sentido dos estilos. Maciça e silenciosa, a agência funerária de infinitos corredores parecia uma réplica em cinzento — com a sua sinagoga e sala de concertos ao centro — da imensa Maternidade, cuja fachada, despida de qualquer ornamento, tinha uma fileira de janelas todas iguais, que eu costumava contar aos domingos, da cama da minha mulher quando os temas de conversa escasseavam. Do asfalto das ruas emanava um calor azulado de gasolina, atravessado por vapores químicos, que estagnava em pátios fedendo a detritos, onde algum cão arquejante se estirava como se fosse um coelho esfolado, para encontrar canteiros de frescura na mornidão do pavimento. O carrilhão martelava uma avé-maria. Tive a insólita curiosidade de saber que santo se festejava nessa data: *4 de Junho. São Francisco Caracciolo* — dizia a edição vaticana por onde eu estudara outrora os hinos gregorianos. Totalmente desconhecido para mim. Procurei o livro da «Vida dos Santos», impresso em Madrid, que a minha mãe me lera vezes sem conta, no meu país, durante as ditosas enfermidades da infância que me livraram de frequentar a escola. Nada constava de Francisco Caracciolo. Mas encontrei algumas páginas com os seguintes títulos piedosos: *Rosa recebe visitas do céu; Rosa luta contra o diabo; O fenómeno da imagem que sua*. E uma guirlanda festonada, em que se misturavam palavras latinas: *Sanctae Rosae Limanae, Virginis, Patronae principalis totius Americae Latinae*. E esta estrofe da santa, apaixonadamente dedicada a seu Esposo:

*Ai de mim! Ao meu amado
quem o detém?
Tarda, é meio-dia,
e ele que não vem.*

Um travo amargo fincou-se-me na garganta ao evocar através das palavras da minha infância tantas recordações acumuladas. Decididamente, estas férias amoleciam-me. Bebi o que restava do xerez e fui novamente para a janela. As crianças que brincavam debaixo dos quatro abetos poeirentos do Parque Modelo abandonavam por vezes os seus castelos de areia cinzenta para olharem com inveja um grupo de fedelhos metidos na água de um tanque municipal, nadando entre pedaços de jornais e pontas de cigarros. Isso sugeriu-me a ideia de ir até a uma piscina fazer algum exercício. Não era nada aconselhável ficar em casa sozinho. Porém, ao procurar o fato de banho, que não encontrei nos armários, ocorreu-me que seria mais saudável apanhar um comboio e descer onde houvesse bosques, para assim respirar um pouco de ar puro. Dirigia-me já para a estação do caminho-de-ferro, quando me detive frente ao Museu onde se inaugurava uma grande exposição de arte abstracta, anunciada por móveis suspensos de mastros, cujos cogumelos, estrelas e laços de madeira giravam num ar impregnado de cheiro a verniz. Preparava-me para subir a escadaria quando reparei que o autocarro do Planetarium, cuja visita, de repente, me pareceu extremamente necessária, para sugerir ideias a Mouche acerca da nova decoração do seu estúdio, estacionava ali mesmo ao pé. Mas como estava muito demorada a sua partida, acabei por andar de um lado para o outro, aturdido com tantas opções, parando na primeira esquina para seguir os desenhos traçados sobre o passeio, com giz de cor, por um estropiado com o peito coberto de medalhas militares. Quebrado o desenfreado ritmo dos meus dias, liberto, por três semanas, da empresa alimentar que me comprara já vários anos de vida, não sabia em que empregar esse tempo de lazer. Estava como que doente do meu súbito repouso, desorientado em ruas conhecidas, indeciso perante desejos incompletos. Tinha vontade de comprar a *Odisseia*, ou os últimos romances policiais, ou as *Comédias Ameríndias* de Lope expostas na montra da Brentano's, para voltar a encontrar-me, ainda que só pudesse multiplicar e somar em espanhol (contando pelos dedos), com a língua que deixara de falar. Mas havia também o *Prometeu Libertado*, que me afastou rapidamente dos livros, pois o seu título estava demasiado ligado ao velho projecto de uma composição que, depois de um prelúdio rematado por um grande coral de metais, não passara, no recitativo inicial de Prometeu, do soberbo grito de revolta: «... *regard this Earth / Made multitudinous with thy slaves, whom*

*thou / requitest for kneeworship, prayer, and praise, / and toil, and hecatombs of broken heart, / with fear and self-contempt and barren hope.»*¹ Na verdade, o ter tempo disponível para olhar as montras das lojas, depois de um afastamento de meses, tornava-as da maior importância para mim. Podia ver-se, aqui, um mapa de ilhas rodeadas de galeões e rosas-dos-ventos; mais adiante, um tratado de organografia: acolá, um retrato de Ruth, reluzindo de diamantes emprestados, para a propaganda de um joalheiro. A recordação da sua viagem produziu-me uma repentina irritação: era ela, na realidade, quem eu perseguia agora; a única pessoa que eu desejava ter a meu lado, nesta tarde sufocante e enevoada, cujo céu escurecia por detrás da monótona agitação dos primeiros anúncios luminosos. Porém, uma vez mais, interpunham-me um texto, um palco, uma distância, uma vez mais, entre os nossos corpos, que já não voltavam a encontrar, no Convívio do Sétimo Dia, a alegria das primeiras relações. Era ainda muito cedo para ir a casa de Mouche. Fatigado de ter de escolher um caminho entre a multidão que caminhava em sentido contrário, rasgando papéis prateados ou descascando laranjas com os dedos, desejei um sítio onde houvesse árvores. E já me livrara de quem regressava dos estádios mimando os jogos nas suas discussões, quando umas gotas geladas me salpicaram as mãos. Ao fim de algum tempo cuja medida me escapara, agora, por causa da aparente brevidade do seu percurso num processo de dilatação e de recorrência que então me fora insuspeitável, recordo *essas* gotas caindo sobre a minha pele em alfinetadas deliciosas, como se fossem a primeira advertência — ininteligível para mim, na altura — do encontro. Encontro trivial, de certo modo, como são, aparentemente, todos os encontros cujo verdadeiro significado só se revelará mais tarde, na trama das suas consequências... Devemos procurar o começo de tudo isto, seguramente, na nuvem que se desfez em chuva naquela tarde, com tão inesperada violência que os trovões pareciam chegados de outra latitude.

II

A nuvem desfizera-se em chuva, quando eu caminhava por detrás da grande sala de concertos, sobre o longo passeio que não oferecia, ao transeunte, o mais pequeno resguardo. Recordei-me de que certa escada de ferro conduzia à entrada dos músicos, e como alguns dos que passavam

1 «... contempla esta terra / povoada com os escravos, a quem / recompensas pela adoração, pelo louvor / e trabalho, e pelas hecatombes desesperantes, / povoada pelo medo, desprezo e vá esperança.» (N. do E.)

agora me eram conhecidos, não me foi difícil chegar ao palco, onde os componentes de um coral famoso se agrupavam por vezes para em seguida ocuparem as bancadas. Um timbaleiro experimentava com as falanges dos seus dedos a pele dos tambores que o calor fizera subir de tom. Segurando o violino com o queixo, o concertista tirava um *lá* do piano, enquanto as trompas, os fagotes, os clarinetes, continuavam envolvidos no confuso fervilhar de escalas, trinos e afinações, que precede a ordenação das notas. Todas as vezes que eu via os instrumentos de uma orquestra sinfônica serem colocados atrás das suas estantes, sentia uma aguda expectativa do momento em que o tempo deixava de transportar sons incoerentes para se enquadrar, organizado, submetido a uma prévia vontade humana, falando pelos gestos do Medidor de seu Percurso. Este último obedecia, frequentemente, a disposições tomadas um século, dois séculos antes. Mas sob os títulos das partituras estavam inscritas em forma de signos as ordens de homens que apesar de mortos, jazendo em pomposos mausoléus ou de ossos perdidos na sórdida desordem da vala comum, conservavam direitos de propriedade sobre o tempo, impondo lapsos de atenção ou de fervor aos homens do futuro. Acontecia às vezes — pensava eu — que esses póstumos poderes sofriam alguma perda ou, pelo contrário, aumentavam em virtude do grande favor de uma geração. Assim, quem fizesse um balanço das execuções sinfônicas, poderia chegar à conclusão de que, em tal ou tal ano, o grande fruidor do tempo fora Bach ou Wagner, comparado com a magra contribuição de Telemann ou Cherubini. Havia três anos, pelo menos, que eu não assistia a um concerto sinfônico: quando saía dos estúdios estava tão saturado de má música ou de boa música utilizada com fins detestáveis, que se me tornara absurda a ideia de mergulhar num tempo feito quase tangível pela submissão a enquadramentos de fuga ou de forma-sonata. Pela mesma razão, encontrava o prazer da novidade de me sentir levado, quase de surpresa, para o canto sombrio das caixas dos contrabaixos, donde podia observar o que se passava sobre o palco nesta tarde de chuva cujos trovões, apaziguados, pareciam rolar sobre os charcos da rua vizinha. E após o silêncio quebrado por um gesto, foi uma ligeira quinta de trompas, acompanhada de um frémito de tresquiálteras pelos segundos violinos e violoncelos, sobre a qual se desenharam duas notas descendentes, como que caídas dos primeiros arcos e violetas, com uma inapetência que se tornou em angústia, em necessidade imperiosa de fuga, perante o terrível assalto de uma força subitamente desenfreada... Levantei-me aborrecido. No momento em que me encontrava na melhor das disposições para ouvir música, após um longo período de indiferença, é que havia de surgir esta *coisa* que agora inflava em crescendo atrás de mim. Devê-lo-ia ter pressentido, ao ver entrar no palco os elementos

do coro. Mas podia tratar-se também de um oratório clássico. Porque se soubesse que era a partitura da *Nona Sinfonia* o que estava disposto nas estantes, teria seguido o meu caminho mesmo debaixo do aguaceiro. Pois se não tolerava certas músicas ligadas à recordação da minha infância, menos suportaria o *Freunde, schöner Götterfunken Tochter aus Elysium!* que eu evitara, desde então, como quem aparta os olhos, durante anos, de certos objectos evocadores da morte. Além disso, como muitos homens da minha geração, detestava tudo o que tivesse um ar «sublime». A *Ode* de Schiller era-me tão desagradável como a Ceia de Montsalvat e a Elevação do Graal... Agora encontro-me novamente na rua, à procura de um bar. Se tivesse de andar muito para beber um copo, ver-me-ia invadido rapidamente por um estado de depressão, que experimentei algumas vezes, e me faz sentir como que preso a um beco sem saída, desesperado por não poder modificar nada na minha vida, sempre dependente da vontade de outrem, que me deixa apenas a liberdade, todas as manhãs, de escolher a carne ou os cereais que eu prefiro para o pequeno-almoço. Deito-me a correr porque a chuva redobra de intensidade. Ao virar a esquina bato com a cabeça num guarda-chuva aberto; o vento arranca-o das mãos do seu proprietário e fica esmagado debaixo das rodas de um automóvel, de maneira tão cómica que solto uma gargalhada. E quando espero por um insulto, uma voz cordial chama pelo meu nome: «Procurei-te», disse, «mas perdi o teu endereço.» E o Curador, a quem não via há mais de dois anos, diz-me que tem um presente para mim — um presente extraordinário — naquela velha casa de princípios do século, de vidros encardidos, cuja platibanda coberta de cascalho se intercala neste bairro como um anacronismo.

As molas do sofá, desirmanadamente distendidas, incrustam-se agora na minha carne com rigores de cilício, obrigando-me a uma posição forçada que não me é habitual. Vejo-me, com o empertigamento de uma criança levada em visita, no conhecido espelho de espesso enquadramento rococó coroado pelo escudo dos Estherházy. Praguejando contra a sua asma, apagando um cigarro que o asfixia para acender um outro, de estramónio, que o faz tossir, o Curador do Museu Organográfico caminha a passos curtos pela pequena sala repleta de címbalos e tamborins asiáticos, preparando as chávenas de um chá que, felizmente, será acompanhado de rum martiniquenho.

Entre duas estantes está pendurada uma quena incaica; sobre a mesa de trabalho, esperando a redacção de uma ficha, jaz um trombone do tempo da Conquista do México, preciosíssimo instrumento, cujo pavilhão é uma cabeça de tarasca ornada de escamas prateadas e olhos de esmalte, com as fauces abertas que estendem para mim uma dupla dentadura de

cofre. «Pertenceu a Juan de San Pedro, trombeta de câmara de Carlos V e famoso cavaleiro de Hernán Cortés», explica-me o Curador, enquanto verifica o grau da infusão. Depois enche os cálices de rum, com a prévia advertência — cómica se se pensar em quem a escuta — de que um pouco de álcool, de vez em quando, é coisa que o organismo agradece por atavismo, já que o homem, em todas as épocas e latitudes, sempre arranjou maneiras de inventar bebidas capazes de o embriagar. Como o meu presente não se encontrava aqui, neste piso, mas algures onde o foi buscar uma criada surda que caminha lentamente, olho o meu relógio para simular uma repentina inquietação pela lembrança de um encontro inadiável. Mas o meu relógio, ao qual não dei corda à noite — dou-me conta disso agora — para melhor me acostumar à realidade do começo das minhas férias, parara às três e vinte. Pergunto as horas, em tom urgente, mas respondem-me que isso não tem importância: que a chuva escurecera prematuramente esta tarde de Junho, que é das mais longas do ano. Levando-me de uma *Pangelíngua* dos monges de St. Gall à edição prínceps de um *Tratado de Baixo Cifrado* para guitarra, passando, ocasionalmente, por uma rara edição do *Oktoechos* de São João Damasceno, tenta o Curador ludibriar a minha impaciência, acrescida pelo aborrecimento de me ter deixado atrair a este andar onde já nada tenho a fazer, entre tantos berimbau, rabecas, flautas doces, cravelhas soltas, braços entalados, organilhos com os foles rotos, que vejo, em confusão, pelos cantos mais escuros. Estou quase a ponto de dizer, em tom cortante, que virei num outro dia buscar o presente, quando a criada reaparece, descalçando as suas galochas. O que ela me traz é um disco meio gravado, sem etiqueta, que o Curador coloca num gramofone, escolhendo cuidadosamente uma agulha de ponta doce. Pelo menos — penso eu — o aborrecimento será de pouca dura: uns dois minutos, a julgar pela largura das faixas. Volto-me para encher o meu cálice quando oiço atrás de mim o gorjeio de um pássaro. Surpreendido, olho para o velho que sorri com ar suavemente paternal, como se acabasse de me fazer uma oferta inestimável. Vou para o interrogar, mas ele reclama o meu silêncio com um gesto do indicador em direcção ao gira-discos. Algo de diferente se vai escutar agora, sem dúvida. Mas não. Estamos já a metade da gravação e continua esse gorjeio monótono, cortado por breves silêncios, que parecem de uma duração sempre igual. Não é sequer o canto de um pássaro muito musical, pois desconhece o trilo, o portamento, e só emite três notas, sempre as mesmas, com um timbre que tem a sonoridade de um alfabeto Morse na cabina de um telegrafista. O disco está quase no fim e não chego a perceber onde está o presente tão apregoado por quem foi durante algum tempo meu professor, nem posso imaginar o que tenho eu a ver com um documento interessante, quando muito, para um ornitólogo.

logo. A audição absurda termina e o Curador, transfigurado por uma inexplicável alegria, pergunta-me: «Entendes? Entendes?» E explica-me que o gorjeio não é de pássaro, mas de um instrumento de barro cozido com que os índios mais primitivos do continente imitam o canto de um pássaro antes de o irem caçar, num rito possessional da sua voz, para que a caça lhes seja propícia: «É a primeira comprovação da tua teoria», diz-me o velho, abraçando-me quase, num acesso de tosse. E como não compreendo lá muito bem o que me quer dizer, perante o disco que ressoa novamente, invade-me uma crescente irritação que dois cálices emborcados a seguir vêm avivar ainda mais. O pássaro que não é pássaro, com o seu canto que não é canto, mas uma mágica imitação, provoca uma intolerável ressonância em meu coração, recordando-me os trabalhos realizados por mim há tanto tempo — os anos não me assustavam, mas sim a inútil rapidez do seu percurso — acerca das origens da música e da organografia primitiva. Fora na época em que a guerra interrompera a composição da minha ambiciosa cantata sobre o *Prometeu Libertado*. No meu regresso *sentia-me* tão mudado que o prelúdio terminado e os guiões da cena inicial ficaram empacotados dentro de um armário, enquanto me voltava para as técnicas e os sucedâneos do cinema e da rádio. No ilusório ardor que punha na defesa dessas artes do século, afirmando que abriam infinitas perspectivas aos compositores, procurava provavelmente uma consolação para o complexo de culpa perante a obra abandonada e uma justificação para o meu ingresso numa empresa comercial, depois que Ruth e eu destruíramos, com a nossa fuga, a vida de um homem excelente. Quando esgotámos o tempo da anarquia amorosa convenci-me rapidamente de que a vocação da minha mulher era incompatível com o género de vida comum que eu desejava. Por isso arranjava a maneira de as suas ausências, motivadas pelas representações e temporadas teatrais, se me tornarem menos ingratas, orientando-me em tarefas que pudesse levar a cabo aos domingos e dias feriados, sem a continuidade de projectos exigida pela criação. Assim, dirigira-me à casa do Curador, cujo Museu Organográfico era o orgulho de uma venerável universidade. Sob este mesmo tecto travara eu conhecimento com os instrumentos de percussão elementares, troncos perfurados, litófonos, queixadas de animais, chocalhos, guizeiras, donde o homem extraíra os mais variados sons nos longos primeiros dias da sua aparição sobre um planeta ainda erichado de ossaturas gigantescas, ao empreender um caminho que o conduziria à *Missa do Papa Marcelo* e à *Arte da Fuga*. Impelido por essa forma peculiar da preguiça que consiste numa entrega com vigorosa energia a tarefas que não são exactamente aquelas que nos deveriam ocupar, apaixonei-me pelos métodos de classificação e do estudo morfológico desses objectos em madeira, barro cozido, cobre

de caldeiraria, junco, tripa e pele de chibo, antepassados dos modos de produzir sons que perduram, com um vigor milenário, sob o prodigioso verniz dos mestres cremonenses ou no sumptuoso tubo teológico do órgão. Em desacordo com as ideias geralmente sustentadas acerca da origem da música, eu começara a elaborar uma engenhosa teoria que explicava o nascimento da expressão rítmica primordial pelo trabalho de imitar o andar dos animais ou o canto das aves. Se tivermos em conta que as primeiras representações de renas e bisontes, pintadas nas paredes das cavernas, se devem a uma mágica astúcia de caça — o tornar-se senhor da presa pela prévia posse da sua imagem —, não andava muito longe da verdade ao pensar que os ritmos elementares foram os do trote, do galope, do salto, do gorjeio e do trino, procurados pela mão sobre um corpo sonoro, ou pelo sopro, nas cavidades feitas nos juncos.

Agora sentia-me quase colérico frente ao disco que girava, ao pensar que a minha engenhosa — e talvez certa — teoria se desterrava, como tantas outras coisas, para um sótão de sonhos que a época, com as suas quotidianas tiranias, não me permitia realizar. Subitamente, um gesto levanta o diafragma do sulco. O pássaro de barro cessa de cantar. E acontece o que eu mais temia: o Curador, puxando-me afectuosamente para um canto, pergunta-me como vão os meus trabalhos, advertindo-me de que dispõe de todo o tempo para me escutar e discutir. Quer saber das minhas prospecções, conhecer os meus novos métodos de investigação, examinar as minhas conclusões acerca da origem da música — segundo o estudo que eu projectara a partir da minha engenhosa teoria do *mimetismo-mágico-rítmico*. Perante a impossibilidade de me escapar, começo a mentir, inventando razões justificativas do atraso na elaboração da minha obra. Mas, por não estar habituado a isso, é evidente que cometo ridículos erros no emprego dos termos técnicos, enredo as classificações, não encontro os dados essenciais que, no entanto, julgava possuir. Tento apoiar-me em bibliografias, para inteirar-me — graças à rectificação irónica do meu auditor — de que elas estão actualmente postas de parte pelos especialistas. E quando me vou agarrar à suposta necessidade de reunir certos cantos de primitivos recentemente gravados por pesquisadores, parece-me que a minha voz soa de tal forma falsa, devolvida pelo cobre dos gongos, que me afundo irremediavelmente a meio de uma frase sobre o esquecimento indesculpável de uma desinência organológica. O espelho mostra-me a lamentável cara que eu faço neste instante, de batoteiro surpreendido com cartas escondidas na manga. Sinto-me tão feio que, de súbito, toda a minha vergonha se transforma em ira, e me lanço contra o Curador numa explosão de truculentas palavras, perguntando-lhe se crê possível que haja muita gente que possa viver, na nossa época, do estudo dos instrumentos

primitivos. Ele sabia como eu fora desenraizado na adolescência, cego por falsos princípios, levado ao estudo de uma arte que somente alimentava os piores mercadores de Tin-Pan-Alley, esfalfando-me seguidamente através de um mundo em ruínas, durante meses, como intérprete militar, antes de ser lançado novamente para o asfalto de uma cidade onde a miséria era mais dura de enfrentar do que em qualquer outra parte. Ah! Por ter experiência disso, eu conhecia a terrível fase de miséria dos que lavam à noite a única camisa que têm, que caminham sobre a neve com os sapatos rotos, fumam piriscas de piriscas e cozinham nos armários, acabando por ficar tão obcecados pela fome que a inteligência lhes fica reduzida à mera ideia de comer. Aquela solução era tão estéril como a de vender, de sol a sol, as melhores horas de sua vida. «Além disso», gritava eu agora, «estou vazio! Vazio! Vazio!...» Impassível, distante, o Curador olha-me com uma frieza surpreendente, como se esta crise repentina fosse para ele uma coisa esperada. Então, volto a falar, mas num tom surdo, num ritmo apressado, como que sustido por uma exaltação sombria. E assim como o pecador esvazia perante o confessor o negro saco das suas iniquidades e concupiscências — impulsionado por uma espécie de euforia de dizer mal da si próprio que chega a atingir o execrável —, descrevo ao meu professor, com as cores mais sombrias, as mais hediondas e negras, a inutilidade de minha vida, a sua confusão durante o dia, a sua inconsciência durante a noite. As minhas palavras oprimem-me a tal ponto como se fossem ditas por outra pessoa, por um juiz que estivesse dentro de mim sem eu o saber e se servisse dos meus próprios meios físicos para se expressar, que me apavoro, ao ouvir-me, com o difícil que é voltar a ser homem quando se deixou de o ser. Entre o Eu presente e o Eu que aspirara a ser afundar-se-ia um dia em trevas o fosso dos anos perdidos. Parecia agora que eu estivera calado e o juiz continuara a falar pela minha boca. Convivíamos num só corpo, ele e eu, sustentados por uma arquitetura secreta que era já, na nossa vida, na nossa carne, presença da nossa morte. No ser que se reflectia no enquadramento barroco do espelho dialogavam neste momento o Libertino e o Predicador, que são as primeiras personagens de toda a alegoria edificante, de toda a moralidade exemplar. Para fugir ao espelho, a essa imagem, o meu olhar dirigiu-se para a biblioteca. Mas ali, no espaço dedicado aos músicos renascentistas, sobressaía em pele de bezerro, junto aos volumes de *Salmos da Penitência*, o título como que posto de propósito, da *Reppresentazione di anima e di corpo*. Houve algo como que um cair de pano, um apagar de luzes, quando se refez um silêncio que o Curador cruelmente manteve. De súbito esboçou um gesto estranho que me fez pensar num impossível poder de absolvição. Levantou-se lentamente e, empunhando o telefone, chamou o reitor da Universidade, em cujo edifício se encontrava o Museu

Organográfico. Com uma surpresa enorme, sem ousar levantar os olhos do chão, escutei grandes elogios feitos à minha pessoa. Apresentava-me como o colector indicado para conseguir algumas peças que faltavam à galeria de instrumentos de aborígenes da América — ainda incompleta, apesar de ser única já no mundo, pela sua riqueza documental. Sem insistir sobre a minha perícia, o meu professor sublinhava o facto de que a minha resistência física, comprovada numa guerra, permitir-me-ia fazer uma investigação em regiões de acesso muito difícil para velhos especialistas. Além disso, o espanhol fora o idioma da minha infância. Cada uma das razões alegadas devia engrandecer-me na imaginação do interlocutor invisível, dando-me a estatura de um Von Horbostel jovem. Apercebi-me com receio de que a confiança, em mim depositada, era para conseguir que eu trouxesse, entre outros idiófonos raros, uma combinação de tambor e bastão de ritmo que Schaeffner e Curt Sachs desconheciam, e a famosa jarra com duas embocaduras de cana, utilizada por certos índios nas suas cerimónias fúnebres, que Frei Servando de Castillejos descrevera, em 1651, no seu tratado *De barbarorum Novi Mundi moribus*, e que não figurava em nenhuma colecção organográfica, ainda que a sobrevivência do povo que a fizera bramar ritualmente, segundo o testemunho do frade, implicasse a continuidade de um hábito apontado em datas recentes por pesquisadores e traficantes. «O Reitor espera-nos», diz o meu professor. De repente, a ideia pareceu-me tão absurda, que me deu vontade de rir. Quis encontrar uma saída airosa, invocando a minha actual ignorância, o meu afastamento de toda a actividade intelectual. Afirmei que desconhecia os últimos métodos de classificação, baseados na evolução morfológica dos instrumentos e não na sua ressonância e maneira de serem tocados. Mas o Curador parecia tão empenhado em enviar-me para onde eu de modo algum queria ir, que recorreu a um argumento contra o qual eu nada poderia opor razoavelmente: o trabalho encomendado podia ser levado a bom termo na altura das minhas férias. A questão estava em saber se me privaria da possibilidade de subir um rio prodigioso por amor à serradura do chão dos bares. Na verdade não me restava qualquer razão válida para recusar a oferta. Iludido por um silêncio que lhe pareceu aquiescente, o Curador dirigiu-se à sala contígua para buscar a sua capa, pois a chuva, agora, fustigava fortemente os vidros. Aproveitei essa oportunidade para me escapar dali. Tinha vontade de beber. O meu único interesse, nesse momento, era o de chegar a um bar das cercanias, cujas paredes estavam decoradas com fotografias de cavalos de corrida.

III

Havia um bilhete sobre o piano, no qual Mouche me dizia que a esperasse. Para passar o tempo pus-me a brincar com as teclas, combinando acordes ao acaso, com um copo pousado mesmo à beira da última oitava. Cheirava a pintado de fresco. Por detrás da caixa de ressonância, sobre a parede do fundo, começavam a definir-se as esboçadas figuras da Hidra, do Navio Argos, do Sagitário e da Cabeleira de Berenice, que brevemente dariam uma útil singularidade ao estúdio da minha amiga. Depois de muito me rir com a sua competência astrológica, tivera de me curvar perante o rendoso negócio de horóscopos que ela elaborava por correspondência, tendo todo o tempo por sua conta, dando uma ou outra consulta pessoal, favor solicitado muito frequentemente, com a gravidade mais entusiástica. Assim, de Júpiter no signo de Câncer a Saturno no signo da Balança, Mouche, industriada por curiosos tratados, com os seus godés de guache e tinteiros, concebia uns Mapas de Destinos que eram enviados para longínquas localidades do país, adornados com signos do zodíaco que eu a ajudara a tornar mais impressionantes graças a um *De Coeleste Fisionomica, Prognosticum supercoeleste* e outros títulos latinos de bela aparência. Muito assustados deviam estar os homens com a sua época — pensava eu às vezes — para consultar tanto os astrólogos, contemplar com tal afincamento as linhas das suas mãos, o desenho da sua escrita, angustiarem-se perante as marcas de sinais negros, renovando as mais antigas técnicas de adivinhação, à falta de terem maneira de ler nas entranhas dos animais sacrificados ou de observar o voo das aves com o bastão dos arúspices. A minha amiga, que acreditava piamente nas videntes de rosto velado, e que se formara intelectualmente no grande adelo surrealista, encontrava prazer, para além do proveito, em contemplar o céu pelo espelho dos livros, misturando os belos nomes das constelações. Era a sua maneira actual de fazer poesia, já que a sua única tentativa de a fazer com palavras, assinalada numa *plaquette* ilustrada com fotomontagens de monstros e estátuas, a desiludira — depois que o cheiro da tinta de imprensa deixara de lhe subir à cabeça — quanto à originalidade da sua inspiração. Conhecera-a dois anos antes, durante uma das muitas ausências profissionais de Ruth, e embora as minhas noites se tenham iniciado ou acabado na sua cama, entre nós poucas palavras carinhosas eram pronunciadas. Lutávamos, às vezes, de maneira terrível, para seguidamente nos abraçarmos com raiva, enquanto as nossas caras, tão juntas que se não viam, trocavam insultos que a reconciliação dos corpos ia transformando em descarnados elogios do prazer recebido. Mouche, que era bastante comedida e até parcimoniosa no falar, utilizava nesses momentos uma linguagem de rameira, à qual era

necessário responder nos mesmos termos para que dessa excrescência da linguagem surgisse, mais agudamente, o prazer. Mas era difícil saber se era verdadeiro amor o que a ela me ligava. Exasperava-me frequentemente com o seu dogmático apego a ideias e atitudes muito em voga nas cervejarias de Saint-Germain-des-Prés, cuja estéril discussão me obrigava a abandonar a sua casa com a ideia de não mais voltar. Mas na noite seguinte enternecia-me só de pensar nas suas insolências, e regressava à sua carne que me era necessária, pois encontrava naquela intimidade a exigente e egoísta animalidade que tinha o poder de transformar o carácter da minha eterna fadiga, passando-a do plano nervoso ao plano físico. Quando isto acontecia, vinha-me, às vezes, um sono tão estranho e tão desejado que se me fechavam os olhos depois de um dia passado no campo — um desses raros dias do ano em que o cheiro das árvores, provocando um relaxamento em todo o meu ser, me deixava como que entontecido. Cansado de esperar, ataquei furiosamente os acordes iniciais de um grande Concerto romântico; mas nisto, abriram-se as portas e o apartamento encheu-se de gente. Mouche, cujo rosto estava rosado como quando bebia um pouco, vinha de jantar com o pintor do seu estúdio, dois dos meus assistentes, os quais não esperava encontrar aqui, a decoradora do rés-do-chão, que andava sempre a bisbilhotar o que se passava entre as outras mulheres, e a bailarina que preparava, nessa altura, um *ballet* sobre simples ritmos de bater de mãos. «Trazemos uma surpresa», anunciou a minha amiga, rindo. E rapidamente ficou montado o projector com a cópia do filme apresentado na véspera, cujo caloroso êxito determinara o imediato começo das minhas férias. Agora, com todas as luzes apagadas, renasciam as imagens perante os meus olhos: a pesca do atum, com o ritmo admirável das almadras e a desesperada agitação dos peixes cercados por barcos negros; as lampreias espreitando das cavidades das suas torres de rocha; o envolvente desprezo do polvo; a chegada das enguias e o vasto vinhedo cobreado do Mar dos Sargaços. E depois, aquelas naturezas-mortas de búzios e anzóis, a floresta de corais e a alucinante luta dos crustáceos, tão habilmente desenvolvida que as lagostas pareciam terríficos dragões couraçados. Tínhamos trabalhado bem. Voltavam a ouvir-se as melhores passagens da partitura, com os seus líquidos harpejos de celesta, os fluidos portamentos de Martenot, a ondulação das harpas e o desenfreamento do xilofone, piano e percussão, durante a sequência do combate. Tudo isso custara três meses de discussões, de perplexidades, de experiências e aborrecimentos, mas o resultado era surpreendente. O próprio texto escrito por um jovem poeta, em colaboração com um oceanógrafo, sob a vigilância dos especialistas da nossa empresa, era digno de figurar numa antologia do género. E quanto à montagem e supervisão musical, não encontrei nenhuma crítica a fazer-me.

«Uma obra-prima», dizia Mouche na escuridão. «Uma obra-prima», corroboravam os outros fazendo coro. Quando se acenderam as luzes toda a gente me deu os parabéns pedindo que se passasse novamente o filme. E depois da segunda projecção, como chegassem ainda convidados, solicitaram-me uma terceira. Mas de cada vez que os meus olhos, após um novo exame à minha obra, alcançavam o «Fim» floreado de algas desse trabalho exemplar, sentia-me menos orgulhoso da minha realização. Uma verdade envenenava o meu primeiro contentamento: a de saber que todo aquele encarniçado trabalho, os alardes de bom gosto, de domínio do ofício, a escolha e coordenação dos meus colaboradores e assistentes tinham engendrado, no fim de contas, um filme publicitário, encomendado à empresa onde eu era empregado por uma Sociedade Pesqueira, metida numa luta feroz com uma rede de cooperativas. Uma equipa de técnicos e artistas extenuara-se durante semanas e semanas em salas escuras para lograr essa obra cinematográfica, cujo único propósito era atrair a atenção de certo público para os recursos de uma actividade industrial capaz de promover, dia após dia, a multiplicação dos peixes. Pareceu-me ouvir a voz de meu pai, tal como nos dias cinzentos da sua viuvez, quando ele tanto gostava de citar as Escrituras: «Não se pode endireitar o que é torto; aquilo que falta não pode ser calculado.» Andava sempre com esta sentença na boca, aplicando-a em qualquer ocasião. A prosa do Eclesiastes deixava-me agora um gosto amargo ao pensar que o Curador, por exemplo, teria encolhido os ombros perante esse meu trabalho, considerando, talvez, que podia comparar-se com um traçar de letras no céu com fumo, ou a provocar, com um magistral desenho, a salivação de quem contemplasse ao meio-dia um anúncio de folhados estaladiços. Considerar-me-ia como um cúmplice dos desfiguradores de paisagens, dos coladores de cartazes, dos apregoadores do Orvietano. Mas também — pensava eu com raiva — o Curador pertencia a uma geração intoxicada pelo «sublime», que ia amar nos camarotes de Bayreuth, no meio de uma penumbra com cheiro a velhos veludos vermelhos... Chegavam pessoas, cujas cabeças interceptavam a luz do projector. «É na publicidade que as técnicas evoluem!», gritou ao meu lado, como que adivinhando o meu pensamento, o pintor russo que trocava, havia pouco tempo, a pintura a óleo pela cerâmica. «Os mosaicos de Ravena não eram mais do que publicidade», disse o arquitecto que amava muito a arte abstracta. E eram vozes novas as que agora emergiam da sombra: «Toda a pintura religiosa é publicidade». «Como certas cantatas de Bach». «A *Gott der Herr, es Sonn und Schild* faz parte de um autêntico *slogan*». «O cinema é um trabalho de equipa, a pintura a fresco deve ser feita por equipas, a arte do futuro será uma arte de equipas». Outros convidados chegaram ainda: traziam garrafas, as conversas começavam a dispersar-se. O

pintor mostrava uma série de desenhos representando estropiados e esco-riados, que tencionava transpor para os seus pratos e travessas, sob a forma de «pranchas anatómicas em relevo», que simbolizariam o espírito da época. «A verdadeira música é uma mera especulação sobre frequências», dizia o meu assistente de gravação, lançando os seus dados chineses sobre o piano, para demonstrar como podia obter-se pelo acaso um tema musical. Falávamos todos aos berros quando um «Halt!» enérgico, lançado da porta, por uma voz de baixo, imobilizou cada um dos presentes, como figura de museu de cera, em pleno gesto esboçado, a meio da palavra pronunciada, no alento de uma baforada de fumo. Uns estavam suspensos na ársis de um passo, outros tinham o copo no ar, a meio caminho entre a mesa e a boca. («Eu sou eu. Estou sentado num divã. Ia riscar um fósforo na lixa da caixa. Os dedos de Hugo recordaram-me o verso de Mallarmé. Mas as minhas mãos iam acender um fósforo inconscientemente. Logo, estava adormecido. Adormecido como todos os que me rodeiam.») Ouviu-se outra ordem do recém-chegado, e cada qual terminou a frase, o gesto, o passo que ficara suspenso. Era um dos muitos exercícios que X. T. H. — nunca o tratávamos senão pelas suas iniciais, que o hábito da pronun-ciação transformara em *Extieich* — costumava impor-nos para nos «des-pear», dizia ele, e pôr-nos em estado de consciência e de análise dos nos-sos actos presentes, por insignificantes que eles fossem. Invertendo, para uso próprio, um princípio filosófico que nos era comum, costumava dizer que quem se comportava «de uma maneira automática era *essência sem existência*». Mouche, por vocação, entusiasmara-se com os aspectos astrológicos de seu ensinamento, cujos pontos de partida eram muito atra-entes, mas aos quais se misturavam, de seguida, segundo a minha ideia, muito das místicas orientais, do pitagorismo, dos «tantras» tibetanos e não sei quantas coisas mais. O caso era que Extieich conseguira impor-nos uma série de práticas aparentadas com os «asanas» iogues, fazendo-nos respirar de uma certa maneira, contando o tempo das inspirações e expi-rações por «mantras». Mouche e os seus amigos pretendiam chegar assim a um maior domínio de si mesmos e adquirir poderes que me pareciam sempre problemáticos, sobretudo em pessoas que bebiam diariamente para se defenderem contra o desânimo, as angústias do fracasso, o descon-tentamento de si próprias, o medo de verem um manuscrito recusado, ou simplesmente da dureza daquela cidade, do eterno anonimato dentro da multidão, da eterna pressa, onde os olhares só se encontravam por casua-lidade, onde o sorriso, quando vinha de um desconhecido, escondia sem-pre uma proposta. Extieich procedia, agora, ao tratamento de uma súbita enxaqueca da bailarina, pela imposição das mãos. Atordoado pelas con-versas cruzadas, que iam do *da-sein* ao boxe, do marxismo à insistência de

Hugo em querer modificar a sonoridade do piano colocando pedaços de vidro, lápis, papéis de seda, caules de flores, debaixo das cordas, saí para o terraço, onde a chuva da tarde limpava as tílias anãs de Mouche da inevitável fuligem estival lançada por uma fábrica cujas chaminés se erguiam na outra margem do rio. Sempre me divertira muito nessas reuniões com o desenfreado girassol de ideias que, de repente, passavam da Cabala à Angústia, pelo caminho dos projectos de quem pretendia instalar uma quinta no Oeste, onde a arte de alguns seria salva guardada pela criação de galinhas *Leghorn* ou *Rod-Island Red*. Amara sempre esses saltos bruscos do transcendente à raridade, do teatro isabelino à Gnósis, do platonismo à acupunctura. Tinha, inclusivamente, a ideia de gravar um dia, por meio de um dispositivo escondido debaixo de um móvel, essas conversações que demonstrariam quão vertiginoso é o processo elíptico do pensamento e da linguagem. Nessas ginásticas mentais, nessa alta acrobacia da cultura, encontrava eu a justificação, entre outras, de numerosas desordens morais que, em outras pessoas, seriam odiosas. Mas a escolha entre grupos de homens não era muito problemática. De um lado estavam os mercadores, os negociantes, para os quais trabalhava durante o dia, e que só sabiam gastar o dinheiro ganho em estúpidos divertimentos, tão desprovidos de imaginação que me sentia, forçosamente, um animal de outro planeta. Do outro lado estavam os que aqui se encontravam, felizes por terem descoberto algumas garrafas de álcool, fascinados pelos Poderes que lhes prometia Extieich, as cabeças fervilhando de projectos grandiosos. Na implacável ordenação da urbe moderna, praticavam uma forma de ascese, renunciando aos bens materiais, passando fome e privações, em troca de um problemático encontro de si próprios na obra realizada. E, no entanto, esta noite, estes homens fatigavam-me tanto como os que se agarravam aos números e aos benefícios. É que, no fundo de mim mesmo, estava impressionado pela cena na casa do Curador, e não me deixava enganar pelo entusiasmo que tinha acolhido o filme publicitário que tanto trabalho me dera a realizar. Os paradoxos emitidos acerca da publicidade e da arte por equipas não eram senão maneiras de desancar o passado, procurando uma justificação pelos poucos resultados obtidos por cada um na sua obra. Tão-pouco me deixara satisfeito, pela sua irrisória finalidade, o meu recente trabalho, pois quando Mouche se acercou para me elogiar, mudei abruptamente de assunto, contando-lhe a minha aventura da tarde. Para minha grande surpresa abraçou-me, exclamando que a notícia era *formidable*, pois corroborava o vaticínio de um sonho recente em que se vira voando junto a grandes aves de plumagem cor de açafreão, o que significava, inequivocamente, viagem e êxito, mudança por transferência. E sem me dar tempo para corrigir o equívoco, entregou-se aos grandes

lugares-comuns do desejo de evasão, do apelo do desconhecido, dos encontros fortuitos, num tom que fazia pensar nos Sirgadores Alvejados e nas Incríveis Floridas do *Barco Ébrio*. Interrompi-a rapidamente, contando-lhe como me escapara da casa do Curador sem aproveitar a oferta. «Mas isso é absolutamente idiota!», exclamou. «Podias ter pensado em mim!» Fiz-lhe notar que não dispunha do dinheiro suficiente para lhe pagar uma viagem a tão longínquas paragens; que, por outro lado, a Universidade só custeava as despesas de uma pessoa. Após um silêncio incomodativo, em que os seus olhos fizeram uma feia expressão de despeito, Mouche desatou a rir. «E pensávamos nós que tínhamos aqui o pintor da *Vénus* de Cranach!»... A minha amiga explica-me a ideia que repentinamente lhe surgira: para chegar aonde viviam os povos que faziam soar o tambor-bastão e a jarra funerária, era necessário que fôssemos, em primeiro lugar, à grande cidade tropical, famosa pela beleza das suas praias e pelo colorido da sua vida popular; tratava-se simplesmente de permanecer lá, com uma ou outra incursão às florestas mais próximas, e deixarmo-nos viver descansadamente até onde desse o dinheiro. Ninguém estaria presente para saber se eu seguia o itinerário imposto ao meu trabalho de colecção. E para manter a honra, eu entregaria no regresso alguns instrumentos «primitivos» — perfeitos, científicos, autênticos — impecavelmente executados, de acordo com os meus esboços e medidas, pelo pintor amigo, grande amador das artes primitivas, e tão diabolicamente hábil em trabalhos de artesanato, cópia e reprodução, que vivia da falsificação dos grandes estilos, esculpia virgens catalãs do século XIV desdoiradas, picadas pelos insectos, rachadas, obtendo o seu maior êxito com a venda de uma *Vénus* de Cranach ao Museu de Glasgow, executada e envelhecida por ele em algumas semanas. Tão suja, tão infame me pareceu a proposta, que a repeli enojado. A Universidade ergueu-se no meu espírito com a majestade de um templo sobre cujas colunas brancas me convidavam a despejar imundícies. Falei durante largo tempo, mas Mouche não me escutava. Regressou ao seu estúdio, onde a notícia da nossa viagem foi recebida com gritos de alegria. E agora, sem me ligar importância, ia de quarto em quarto, numa azáfama radiante, arrastando malas, dobrando e desdobrando roupas, fazendo uma lista de coisas a comprar. Perante tal à-vontade, mais ofensivo que uma brincadeira, saí do apartamento batendo com a porta. Mas a rua pareceu-me particularmente triste, nesta noite de domingo, temerosa já das angústias de segunda-feira, com seus cafés abandonados por aqueles que pensavam no dia seguinte e procuravam as chaves das suas portas à luz de candeeiros que lançavam feixes de estanho sobre o asfalto molhado. Parei indeciso. Em casa aguardava-me a desordem deixada por Ruth na sua partida, a marca da sua cabeça na almofada, os odores do

teatro. E quando retinisse uma campanha seria o despertar sem sentido, o medo de me encontrar com uma personagem, retirada de mim próprio, que costumava esperar-me todos os anos no umbral das minhas férias. A personagem cheia de censuras e de razões amargas que eu vira aparecer horas antes no espelho barroco do Curador para me esvaziar das minhas cinzas. A necessidade de rever os equipamentos de sincronização e de ordenar novos locais revestidos de matérias isolantes facilitava, no começo de cada Verão, esse encontro que promovia uma mudança na natureza da carga que eu transportava: lá onde eu lançava a minha pedra de Sísifo, o outro montava sobre os meus ombros ainda esfolados, e não saberia dizer se, às vezes, não chegava a preferir o peso do granito ao peso da sentença. Um nevoeiro surgido dos cais vizinhos levantava-se sobre os passeios, esbatendo as luzes da rua em irisações que atravessavam, como alfinetadas, as gotas de nuvens baixas. As grades dos cinemas fechavam-se sobre os pavimentos de longos vestíbulos, polvilhados de *tickets* rasgados. Mais além teria de atravessar a rua deserta, friamente iluminada, e subir o passeio em declive, em direcção ao Oratório envolto em sombras, cuja grade tocaria com os dedos, contando cinquenta e duas barras. Encostei-me a um poste, pensando no vazio de três semanas insignificantes, demasiado curtas para empreender o que quer que fosse, e que seriam insuportáveis, à medida que o tempo passasse, pelo sentimento da possibilidade desde-nhada. Eu não dera um passo para a missão proposta. Viera tudo ao meu encontro, e eu não era responsável pela exagerada valorização das minhas capacidades. O Curador, no fim de contas, nada desembolsaria, e no que respeitava à Universidade, difícil seria que seus eruditos, envelhecidos entre os livros, sem contacto directo com os artesãos da selva, se apercebessem da fraude. Ao fim e ao cabo, os instrumentos descritos por Frei Servando de Castillejos não eram obras de arte, mas objectos devidos a uma técnica primitiva, ainda actual. Se os museus guardavam mais que um *Stradivarius* suspeito, pouco mal haveria, em suma, em falsificar um tambor de selvagens. Os instrumentos requisitados podiam ser de fabrico antigo ou recente... «Esta viagem estava escrita na parede», disse-me Mouche, no meu regresso, apontando as figuras do Sagitário, do Navio Argos e da Cabeleira de Berenice, que se destacavam melhor nos seus traços ocres, agora que alguém baixara a luz.

De manhã, enquanto a minha amiga se ocupava das questões consulares, fui à Universidade, onde o Curador, que se levantara muito cedo, consertava uma viola de amor, na companhia de um *luthier* de tampo azul. Viu-me aparecer sem surpresa, olhando-me por cima dos óculos. «Chegaste mesmo na altura!», disse, sem que eu soubesse verdadeiramente se queria felicitar-me pela minha decisão, ou se pressentia que naquele mo-

mento eu podia ter em mente duas ideias graças a uma droga que Mouche me ministrara ao despertar. Fui rapidamente conduzido ao escritório do Reitor, que me fez assinar um contrato, dando-me o dinheiro da viagem juntamente com as instruções pormenorizadas sobre os pontos principais da tarefa confiada. Um pouco aturdido pela rapidez do acordo, sem ter no entanto uma ideia muito clara do que me esperava, encontrei-me seguidamente numa longa sala deserta onde o Curador me suplicou que aguardasse um momento, enquanto ia à Biblioteca, cumprimentar o Decano da Faculdade de Filosofia, recém-chegado do Congresso de Amesterdão. Observei com agrado que aquela galeria era um museu de reproduções fotográficas e de moldes em gesso, destinado aos estudantes de História de Arte. De súbito, a universalidade de certas imagens (uma Ninfa impressionista, uma família de Manet, o misterioso olhar de Madame Rivière), transportou-me aos dias longínquos em que procurava dar alívio a uma angústia de viajante decepcionado, de peregrino frustrado pela profanação de Lugares Santos, no mundo — quase sem janelas — dos museus. Era a época em que frequentava as lojas dos artesãos, os camarotes de ópera, os jardins e cemitérios das estampas românticas, antes de assistir com Goya às lutas do *Dois de Maio*, ou de o acompanhar no *Enterro da Sardinha*, cujas máscaras inquietantes mais pareciam de penitentes ébrios, de diabos de autos sacramentais, do que de fantasias carnavalescas. Após um descanso entre os campônios de Le Nain, caía em pleno Renascimento, graças a algum retrato de um *condottiere*, dos que montam cavalos mais mármore do que carne, entre colunas engalanadas de bandeirolas. Às vezes agradava-me conviver com os burgueses medievais, que bebiam abundantemente o seu vinho de especiarias, se faziam pintar com a Virgem doada — para memória da doação —, que trinchavam leitões de tetas chamuscadas, faziam combater os seus galos flamengos, e metiam a mão no decote de galdérias de ceroso semblante que, mais do que lascivas, pareciam alegres moçoilas de tarde de domingo, prontas a pecar uma vez mais pela absolvição de um confessor. Uma fivela de ferro, uma bárbara coroa eriçada de espetos martelados, transportaram-me de repente à Europa merovíngia, de profundas florestas, de terras sem caminhos, de ratos migratórios, de feras célebres por terem chegado espumando de raiva, em dia de feira, até à Praça Maior de uma cidade. Depois, eram as pedras de Micenas, os ornamentos sepulcrais, as pesadas olarias de uma Grécia rude e aventureira, anterior aos seus próprios classicismos, cheirando toda ela a reses assadas, a tosquia, a bosta, a suor de ganhões no cio. E assim, de degrau em degrau, chegava aos armários repletos de raspadeiras, machados, facas de sílex, ao pé dos quais me detinha, fascinado pela noite do magdalenense, solutrense, préchelense, sentindo-me chegado aos confins

do homem, até ao limite do possível que podia ter sido, segundo alguns cosmógrafos primitivos, a orla da terra plana, ali onde erguendo a cabeça sobre a vertigem sideral do infinito, ver-se-ia o céu *cá em baixo também...* O *Cronos* de Goya devolveu-me à nossa época, pelo caminho de vastas cozinhas enobrecidas de naturezas-mortas. O síndico acendia o seu cachimbo com uma brasa, a serva escaldava uma lebre na água fervente de um grande caldeirão e, por uma janela aberta, podiam ver-se as fiandeiras conversando no silêncio do pátio ensombreado por um olmo. Perante as conhecidas imagens interrogava-me se, em épocas passadas, os homens teriam a nostalgia do passado, como eu, nesta manhã de estio, a nostalgia —por tê-los conhecido — de certos modos de vida que o homem perdera para sempre.

CAPÍTULO SEGUNDO

*Ha! I scent life*².

SHELLEY

IV

(Quarta-feira, 7 de Junho)

Depois de alguns minutos, os nossos ouvidos advertiram-nos de que estávamos a descer. Subitamente apercebemo-nos que as nuvens nos rodeavam, e que o voo do avião se tornava vacilante, como que desconfiado de um ar instável que o soltava inesperadamente, o recolhia, lhe deixava uma asa sem apoio, o abandonava em seguida ao ritmo das ondas invisíveis. À direita erguia-se uma cordilheira de um verde de musgo, esfumada pela chuva. Além, em pleno sol, estava a cidade. O jornalista que se instalara ao meu lado — pois Mouche dormia a toda a largura do assento de trás —, falava-me com uma mistura de indolência e ternura daquela capital dispersa, sem estilo, anárquica na sua topografia, cujas primeiras ruas se desenhavam já debaixo de nós. Para continuar a crescer ao longo do mar, sobre uma estreita faixa de areia delimitada pelas colinas que serviam de base às fortificações construídas por ordem de Filipe II, a população tivera de mover uma guerra de séculos aos pântanos, à febre amarela, aos insectos e à imutabilidade de penhascos de rocha negra que se erguiam, aqui e além, intransponíveis, solitários, polidos, como se fossem aerólitos lançados por uma mão celestial. Essas massas inúteis, paradas entre os edifícios, as torres das igrejas modernas, as antenas, os campanários

² «Ah, sinto o cheiro da vida!» (N. do T.)

antigos, os zimbórios dos princípios do século, falseavam as realidades da escala, estabelecendo uma outra, que não era a do homem, como se fossem edificações destinadas a uma utilização desconhecida, obra de uma civilização inimaginável, abismada em noites remotas. Durante séculos lutara-se contra raízes que levantavam os pavimentos e rachavam os muros; porém quando um rico proprietário se deslocava a Paris por alguns meses, deixando a vigilância da sua residência ao cuidado de criados negligentes, as raízes aproveitavam o descuido de canções e sextas para se arquearem um pouco por toda a parte, acabando em vinte dias com os melhores planos funcionais de Le Corbusier. Arrancaram as palmeiras dos subúrbios traçados por eminentes urbanistas, no entanto, as palmeiras ressurgiam nos pátios das casas coloniais, delimitando com as suas colunas as avenidas mais centrais — as primeiras que traçaram, a ponta de espada, no local mais apropriado, os fundadores da primitiva cidade. Dominando o formigueiro das ruas de Bolsas e jornais, por sobre os mármore dos Bancos, a riqueza dos Entrepósitos, a brancura dos edifícios públicos, erguia-se sob um sol em constante canícula o mundo das balanças, caduceus, cruzes, génios alados, bandeiras, trombetas da Fama, rodas dentadas, martelos e vitórias, com que se proclamavam, em bronze e pedra, a abundância e prosperidade da urbe administrada por leis exemplares. Todavia, quando chegavam as chuvas de Abril nunca eram suficientes os esgotos, e as praças centrais inundavam-se, o que ocasionava tal desordem no trânsito que os veículos, levados para bairros desconhecidos, derrubavam estátuas, perdiam-se em becos sem saída, estampando-se, às vezes, em barrancos que não se mostravam aos forasteiros nem aos visitantes ilustres, porque estavam habitados por gentes que passavam a vida meio-despidas, dedilhando guitarra, tocando tambor e bebendo rum em canecas de lata. A luz eléctrica penetrava em todos os lados e a mecânica trepidava sob os telhados cheios de goteiras. Aqui as técnicas eram assimiladas com surpreendente facilidade, adoptando-se como rotina quotidiana certos métodos que eram cautelosamente experimentados, ainda, pelos povos mais antigos. O progresso reflectia-se no nivelamento da grama, na ostentação das embaixadas, na multiplicação dos pães e dos vinhos, na satisfação dos mercados, cujos decanos conheceram a terrível época dos anófeles. No entanto, havia algo como que um pólen maligno no ar — pólen feiticeiro, caruncho impalpável, volátil bolor — que punha em acção misteriosos desígnios, abrindo o que estava fechado, fechando o que estava aberto, confundindo os cálculos, alterando o peso dos objectos, deteriorando os produtos garantidos. Uma manhã, as ampolas de soro de um hospital foram encontradas repletas de fungos; os aparelhos de precisão desajustavam-se; certos álcoois começaram a borbulhar dentro das garrafas; o Rubens do

Museu Nacional era atacado por um parasita desconhecido que desafiava os próprios ácidos; as pessoas precipitavam-se para os *guichets* de um banco onde nada tinha acontecido, apavoradas com as palavras de uma velha negra que a polícia procurava em vão. Quando essas coisas ocorriam, havia somente uma explicação para os que estavam nos segredos da cidade: «É o Gusano!» Ninguém vira o Gusano. Mas o Gusano existia, entregue às suas artes de semear a confusão, surgindo donde menos se esperava, para desconcertar a mais comprovada experiência. Além disso, frequentes trovões riscavam o céu, sem desencadear uma verdadeira tempestade e, de dez em dez anos, centenas de casas eram derrubadas por um ciclone que iniciava a sua dança circular em algum lugar do Oceano. Como já voávamos muito baixo, em direcção à pista de aterragem, perguntei ao meu companheiro que casa enorme e acolhedora era aquela, toda rodeada de jardins em terraços, cujas estátuas e fontes desciam até à orla do mar. Soube que ali vivia o novo Presidente da República, e que poucos dias antes poderia ter assistido aos festejos populares, com desfiles de Mouros e Romanos, que acompanharam a sua solene investidura. Mas já desaparece a bela residência sob a asa esquerda do avião. Depois é o agradável regresso à terra, o deslizar sobre o solo firme e a saída dos passageiros ensurdecidos para a secção dos passaportes, onde se responde às perguntas com cara de culpado. Aturdido pela mudança de ar, esperando os funcionários que, sem pressa, vão examinar as nossas malas, penso que ainda não me habituei à ideia de me encontrar tão longe das minhas ocupações habituais. E ao mesmo tempo há como que uma luz reencontrada, um odor a esparto quente, a água do mar que o céu parece penetrar em profundidade até ao coração dos seus leitos mais verdes — e também certa mudança de brisa que traz o fedor de crustáceos apodrecidos em alguma socava da costa. Ao amanhecer, quando voávamos entre nuvens sujas, estava arrependido de ter empreendido a viagem; tinha desejos de aproveitar a primeira escala para regressar quanto antes e devolver o dinheiro à Universidade. Sentia-me preso, sequestrado, cúmplice de algo execrável, no interior do avião cuja envergadura oscilava num ritmo a três tempos, lutando contra um vento adverso que lançava, às vezes, uma ténue chuva sobre o alumínio das asas. Mas agora, uma estranha voluptuosidade adormece os meus escrúpulos. E uma força me penetra lentamente pelos ouvidos, pelos poros: a língua. Eis aqui, pois, a língua que falei na minha infância; a língua que aprendi a ler e a solfejar; a língua embolorada em meu espírito pela falta de uso, posta de lado como ferramenta inútil, num país onde pouco me pudera servir.

Estos, Fabio, ay dolor! que ves agora...

Este verso retorna ao meu espírito após um longo esquecimento: ele é citado como exemplo de interjeição numa pequena gramática que deve estar guardada em alguma parte com um retrato de minha mãe e uma madeixa de cabelo louro que me cortaram quando tinha seis anos. E é a língua desse verso que agora vejo inscrita nos letreiros das casas comerciais através das janelas da sala de espera; que ri e se deforma no jargão dos bagageiros negros; que se faz caricatura num *Biva el Precidente!*, e para cujos erros ortográficos chamo a atenção de Mouche, com o orgulho de quem, a partir deste momento, será seu guia e intérprete na cidade desconhecida. Esta repentina sensação de superioridade sobre ela vence os meus últimos escrúpulos. Não me arrependo de ter vindo. E penso numa possibilidade que até agora não me passara pela cabeça: devem vender-se, em algum lugar da cidade, os instrumentos cuja colecção me foi encomendada. Seria inacreditável que alguém — um vendedor de objectos curiosos, um pesquisador farto de caminhadas — não tivesse pensado em tirar proveito de coisas tão procuradas pelos estrangeiros. Eu saberia encontrar esse alguém, e então reduziria ao silêncio o desmancha-prazeres que trazia dentro de mim. Pareceu-me tão boa a ideia que, quando já nos dirigíamos para o hotel através de bairros populares, fiz que o automóvel parasse defronte de um bricabraque que seria talvez, quem sabe, a minha providência. Era uma casa de grades emaranhadas, com gatos velhos em todas as janelas, e em cujas varandas dormitavam uns papagaios de plumas eriçadas, como que cobertos de poeira, parecendo uma vegetação musgosa nascida da fachada verdinhenta. O quinquilheiro-antiquário não sabia nada dos instrumentos que me interessavam e, para chamar a minha atenção sobre outros objectos, mostrou-me uma grande caixa de música em que umas borboletas douradas, montadas em martelos, tocavam valsas e redovas numa espécie de saltério. Sobre mesas cobertas de vasos apoiados em mãos de coralina havia retratos de monjas professoras coroadas de flores. Uma Santa de Lima, emergindo do cálice de uma rosa numa rodopiante revoada de querubins, ocupava uma parede conjuntamente com cenas de tauromaquia. Mouche agradou-se de um hipocampo encontrado entre camafeus e jóias de coral, ainda que eu a advertisse de que os havia iguais em qualquer parte. «É o hipocampo negro de Rimbaud!», respondeu-me ela, pagando aquela poeirenta e literária coisa. Eu, por meu lado, pretendia adquirir um rosário filigranado, de confecção colonial, que estava numa vitrina; mas era demasiado caro para mim, pois a cruz era toda ornada de pedras preciosas. Ao sair da loja, sob a insígnia misteriosa de *Camenho de Zoroastro*, a minha mão roçou numa alfavaca plantada num pote. Detive-me, profundamente emocionado, ao reencontrar o perfume

que se exalava da pele de uma menina — María del Carmen, filha de um jardineiro... — quando brincávamos aos casados no patamar de uma casa ensombreada por um largo tamarindo, enquanto minha mãe ensaiava ao piano alguma *habanera* recentemente editada.

V

(*Quinta-feira, 8*)

A minha mão trémula procurava, sobre o mármore da mesa-de-cabeceira, o despertador que está retinindo, talvez, no ponto mais alto do mapa, a milhares de quilómetros de distância. E necessito de reflectir um pouco, deitando um longo olhar sobre a praça, através das persianas, para compreender que os meus hábitos quotidianos foram ludibriados pelo bater de ferrinhos de um vendedor ambulante. Ouve-se depois a chamarela de um amola-tesouras, estranhamente combinada com o melismático pregão de um negro corpulento que leva à cabeça um cesto de lulas. As árvores, agitadas, pela brisa matinal, nevam de branca penugem uma estátua de homem célebre que tem algo de Lord Byron pela tortuosa ondulação da gravata de bronze, e algo também de Lamartine, pelo modo de apresentar uma bandeira a um grupo de invisíveis amotinados. Ao longe repicam os sinos de uma igreja num ritmo de paróquia modesta, conseguido com o fazer-se guindar das cordas, e que desconhecem os carrilhões eléctricos das falsas torres góticas do meu país. Mouche, adormecida, atravessou-se na cama de tal maneira que quase não tenho espaço para me deitar. Às vezes, incomodada por um calor fora do normal, afasta o lençol de cima dela, enrodilhando-o entre as pernas. Contemplo-a longamente, um pouco irritado pela decepção da véspera: aquela crise de alergia, devida ao perfume de uma laranjeira vizinha, que nos atingiu neste quarto andar, pondo fim às grandes euforias físicas que eu me prometera para aquela primeira noite passada com ela num clima novo. Acalmei-a com um soporífero, recorrendo depois à venda negra para afundar mais rapidamente o meu despeito no sono. Volto a olhar através das persianas. Para lá do Palácio dos Governadores, com as suas colunas clássicas sustentando um cornijamento barroco, reconheço a fachada Segundo Império do teatro onde, ontem à noite, à falta de espectáculos mais coloridamente locais, nos receberam, debaixo de grandes lustres de cristal, as marmóreas túnicas das Musas sob a vigilância dos bustos de Meyerbeer, Donizetti, Rossini e Herold. Uma escada em caracol, com floreados rococó no corrimão, conduzira-nos à sala de veludos vermelhos, com franjas douradas sobre os parapeitos dos

balcões, onde se afinavam os instrumentos da orquestra, cobertos pelas ruidosas conversações da plateia. Toda a gente parecia conhecer-se. Os risos propagavam-se, atingiam os camarotes, de cuja cálida penumbra emergiam braços desnudos, mãos que agitavam objectos de outras épocas como binóculos de nácar, lunetas de cabo e leques de plumas. A carne dos decotes, a atadura dos seios, os ombros, tinham uma certa opulência flácida e polvilhada que evocava o camafeu e a camiseta de rendas. Pensava divertir-me com os aspectos ridículos da ópera que ia representar-se dentro das grandes tradições da bravura, da coloratura, da fioritura. Mas já se levantara o pano sobre o jardim do castelo de Lammermoor, sem que o antiquado de uma cenografia de falsas perspectivas, *trompe-loeil* e magias despertasse a minha ironia. Sentia-me dominado principalmente por um indefinido encanto, feito de recordações imprecisas, de nostalgias fragmentadas e longínquas. Este grande anfiteatro de veludo, com seus generosos decotes, os lenços de renda entre a tepidez dos seios, as profundas cabeleiras, o perfume por vezes excessivo; esse palco onde os cantores sublimavam as suas árias com as mãos levadas ao coração, no meio de uma majestosa vegetação de papel pintado; esse complexo de tradições, comportamentos, maneiras de fazer, impossível de se encontrar já numa grande capital moderna, era o mundo mágico do teatro, tal como o teria conhecido a minha ardente e pálida bisavó, a de olhos ora sensuais ora velados, toda vestida de cetim branco, no retrato de Madrazo que tanto me fizera sonhar na minha infância, antes de meu pai o ter vendido num período de grande necessidade. Uma tarde em que me encontrava sozinho em casa, descobri no fundo de um baú o livro com capas de marfim e fechadura de prata onde a dama do retrato escrevera o seu diário de noiva. Numa página, sob pétalas de rosa que o tempo tornara cor de tabaco, encontrei a maravilhosa descrição de uma *Gemma di Vergy* cantada num teatro de Havana, que devia corresponder absolutamente ao que eu contemplava esta noite. Os cocheiros negros de botas altas e cartolas com roseta já não esperavam lá fora; os faróis das corvetas não se balançariam no porto, nem haveria «cantoria» em fim de festa. Mas, no entanto, o público apresentava os mesmos rostos enrubescidos de prazer perante a representação romântica; era a mesma desatenção perante as árias que as primeiras figuras não cantavam, e que, apenas saídas de páginas bem conhecidas, só serviam de fundo melodioso a uma vasta conspiração de olhares intencionais, de olhadelas vigilantes, de cochichos por detrás dos leques, de risos abafados, de novidades trocadas, de boas palavras, desdêns e simulacros, jogo cujas regras me eram familiares, mas que eu observava com a inveja de uma criança excluída de um grande baile de máscaras.

Chegado o intervalo, Mouche manifestara-se incapaz de aguentar

mais tempo, pois aquilo — dizia ela — era algo assim como «a *Lucia* vista por Madame Bovary em Rouen». Ainda que a observação não estivesse isenta de alguma razão fiquei, irritado subitamente, por uma presunção muito habitual da minha amiga, que a levava a tomar uma atitude hostil logo que estivesse em contacto com algo que desconhecesse as palavras de ordem de certos ambientes artísticos frequentados por ela na Europa. Não desprezava a ópera, neste momento, porque alguma coisa tivesse chocado realmente a sua escassa sensibilidade musical, mas porque se tornara um hábito da sua geração desprezar a ópera. Vendo que de nada servia a argúcia de evocar a *Ópera de Parma* na época de Stendhal para conseguir que ela voltasse para o seu lugar, saí do teatro contrariadíssimo. Sentia necessidade de discutir com ela agressivamente, para me antecipar a um tipo de reacções que podiam estragar-me os melhores prazeres desta viagem. Queria neutralizar de antemão certas críticas previsíveis para mim que conhecia as questões, sempre imbuídas de preconceitos intelectuais, que em sua casa se processavam. Mas logo nos veio ao encontro uma noite mais profunda que a noite do teatro: uma noite que se nos impôs pelos seus valores de silêncio, pela solenidade da sua presença carregada de astros. Podia rompê-la momentaneamente qualquer estridência do trânsito, mas logo se incorporava, invadindo vestíbulos e portões, adensando-se em casas de janelas abertas que pareciam desabitadas, caindo sobre as ruas desertas, de grandes arcadas de pedra. Um rumor fez-nos parar, assombrados, obrigando-nos a caminhar de um lado para o outro para comprovar a maravilha: os nossos passos ressoavam no passeio fronteiro. Numa praça, frente a uma igreja sem estilo, toda feita de sombras e estuques, havia uma fonte de tritões na qual um cão felpudo, soerguido nas patas traseiras, enfiava a língua com deleitoso gorgolejar. Os ponteiros dos relógios arrastavam-se lentamente, marcando as horas a seu bel-prazer, desde vetustos campanários a frontispícios municipais. Descendo a encosta, em direcção ao mar, adivinhava-se a agitação dos bairros modernos; por mais que ao longe estremeassem, em caracteres luminosos, os invariáveis anúncios dos estabelecimentos nocturnos, era bem evidente que a realidade da urbe, o seu temperamento e personalidade, se expressavam aqui na sua vida diária e na sua arquitectura. Ao fundo da rua encontrámo-nos frente a um casarão de grandes arcadas e telhado musgoso, cujas janelas se abriam sobre um salão adornado com velhos quadros de molduras douradas. Metemos a cara entre as grades, descobrindo que junto a um magnífico general de barretina e galões, ao lado de uma pintura esquisita representando três damas passeando num coche, havia um retrato da senhorita Taglioni, com pequenas asas de libélula no decote. As luzes cintilavam nos cristais lapidados e não se lorigava, no entanto, uma presença humana nos corre-

dores que conduziam a outras salas iluminadas. Era como se um século antes se tivesse preparado tudo para um baile ao qual jamais alguém assistira. De súbito, num piano a que os trópicos deram uma sonoridade de espineta, soou a pomposa introdução de uma valsa tocada a quatro mãos. Depois, a brisa agitou as cortinas e o salão inteiro deu a impressão de se desvanecer numa revoada de tules e rendas. Quebrado o sortilégio, Mouche declarou que estava fatigada. Quanto mais me deixava arrastar pelo encanto dessa noite que me revelava o significado exacto de certas recordações vagas, a minha amiga destruía as delícias de uma paz esquecida do tempo, que pudera levar-me até à madrugada sem cansaço algum. Além, por cima do telhado, as estrelas presentes desenhavam talvez os vértices da Hidra, do Navio Argos, do Sagitário e da Cabeleira de Berenice, com que se adornaria o estúdio de Mouche. Mas fora inútil perguntar-lhe, pois ela ignorava, como eu, o lugar exacto das constelações, salvo o das Ursas. Ao reparar agora no burlesco desse desconhecimento para quem vivia dos astros, desatei a rir, voltando-me para a minha amiga. Ela abriu os olhos sem acordar, olhou-me sem me ver, suspirou profundamente e virou-se para a parede. Tive vontade de me deitar novamente; mas pensei que seria bom, enquanto ela dormia, aproveitar esse momento para iniciar a busca dos instrumentos indígenas — a ideia tornava-se-me obsessiva — tal como pensara na véspera. Sabia que ao ver-me tão empenhado nessa questão chamar-me-ia, pelo menos, ingénuo. Por isso mesmo, vesti-me apressadamente e saí sem a acordar.

O sol, invadindo as ruas, irradiando sobre os vidros, lançando os seus raios inquietos sobre a água dos tanques, era para mim tão estranho, tão novo, que para o enfrentar tive de comprar óculos escuros. Depois tomei a direcção do bairro do casarão colonial, em cujos arredores haveria adelos e lojas de antiguidades. Subindo uma rua de passeios estreitos detinha-me, às vezes, para contemplar a exposição de pequenos artigos, cujo aspecto fazia lembrar o artesanato de outrora; eram as letras floreadas do Cosmorama, a Bota de Ouro, o Rei Midas e a Harpa melodiosa, junto ao Planisfério pendurado num alfarrabista, que girava ao sabor da brisa. Numa esquina, um homem abanava um fogareiro sobre o qual assava uma perna de vitela, eriçada de alhos, cuja gordura expelia uma fumarada acre, sob uma camada de orégãos, limão e pimenta. Mais além serviam-se sangrias e carapinhadas, sobre as manchas de azeite deixadas pelo peixe frito. Subitamente, um calor de fogaças mornas, de massa recém-saída do forno, brotou dos respiradoiros de uma cave, em cuja penumbra se afanavam, cantando, vários homens, brancos dos pés à cabeça. Detive-me com deleitosa surpresa. Há muito tempo já que essa presença da farinha, pela manhã, não me era lembrada, lá onde o pão, amassado sabe Deus onde,

transportado de noite em camiões fechados, como uma mercadoria vergonhosa, deixara de ser o pão que se parte com as mãos, o pão que o padre reparte depois de ser benzido, o pão que se deve agarrar num gesto respeitoso antes de se partir a sua côdea sobre a grande tigela cheia de sopa de alhos-porros ou de o aspergir com azeite e sal, para reencontrar um sabor que, mais que sabor a pão com azeite e sal, é o grande saber mediterrânico que já levavam agarrado à língua os companheiros de Ulisses. Este reencontro com a farinha, a descoberta de uma montra que exhibia gravuras com mestiços dançando a *marinera*, distraíam-me do objectivo da minha deambulação por ruas desconhecidas. Aqui, detinha-me perante um fuzilamento de Maximiliano; além, folheava uma velha edição de *Os Incas* de Marmontel, cujas ilustrações tinham algo de estética maçónica da *Flauta Mágica*. Escutava um *Mambrú* cantado pelas crianças que brincavam num pátio com odor a natas. E assim, atraído agora pela frescura matinal de um velho cemitério, caminhava à sombra dos seus ciprestes, entre tumbas que estavam como que abandonadas no meio de ervas e campânulas. Às vezes, atrás de um vidro encardido pelos fungos, aparecia um velho retrato do defunto que ali jazia sob o mármore: um estudante de olhos febris, um veterano da Guerra das Fronteiras, uma poetisa coroada de loureiros. Eu contemplava o monumento às vítimas de um naufrágio fluvial, quando o ar foi rasgado, em alguma parte, como papel encerado, por uma descarga de metralhadoras. Eram os alunos de uma escola militar, sem dúvida, que se adestravam no manejo das armas. Fez-se silêncio; e depois voltaram a enredar-se novamente os arrulhos das pombas que inflavam o papo em redor dos vasos romanos.

*Estos, Fabio, ay dolor!, que ves agora,
campos de soledad, mustio collado,
fueron un tiempo Itálica famosa.*

Repetia e tornava a repetir estes versos que me vinham aos pedaços desde a minha chegada, até que se reconstituíssem na minha memória, quando se ouviu novamente, com mais força, o matraquear das metralhadoras. Uma criança passou a toda a pressa, seguida de uma mulher espavorida, descalça, que levava uma quantidade de roupas molhadas nos braços, e parecia fugir de um grande perigo. Uma voz gritou algures, por detrás dos taipais: «Já começou! Já começou!» Um pouco inquieto, saí do cemitério em direcção à zona moderna da cidade. Depressa me apercebi de que as ruas estavam vazias de transeuntes e que as lojas tinham fechado as portas e corrido as suas cortinas metálicas com uma rapidez que nada de bom augurava. Retirei o passaporte do bolso, como se os carimbos

impressos entre as capas tivessem alguma eficácia protectora, quando uma gritaria me deteve, verdadeiramente assustado, junto de uma coluna. Uma multidão vociferante, fustigada pelo medo, desembocou de uma avenida, derrubando tudo para escapar a uma grossa fuzilaria. Choviam pedaços de vidro. As balas embatiam no metal dos postes eléctricos, fazendo-os vibrar como tubos de órgão que recebessem uma saraivada de pedras. A chicotada de um cabo de alta-tensão acabou por esvaziar a rua, cujo asfalto se incendiou em vários sítios. Perto de mim, um vendedor de laranjas caiu de bruços, deixando rolar os frutos que se desviavam e saltavam quando uma bala as atingia ao rés-do-solo. Corri em direcção à esquina mais próxima, para me refugiar num átrio de cujos pilares pendiam bilhetes de lotaria abandonados na altura da fuga. Só um mercado de pássaros me separava, agora, das traseiras do hotel. Pressionado pelo zumbir de uma bala que, depois de passar sobre o meu ombro, esburacara a montra de uma farmácia, desatei a correr. Saltando por cima das gaiolas, atropelando canários, calcando colibris, derrubando poleiros de periquitos espavoridos, acabei por chegar a uma das portas de serviço que ficara aberta. Um tucano, que arrastava uma asa quebrada, vinha a saltar atrás de mim, como que pedindo a minha protecção. Pousada sobre o guiador de uma bicicleta abandonada, uma magnífica arara permanecia no meio da praça deserta, sozinha, aquecendo-se ao sol. Subi ao nosso quarto. Mouche continuava a dormir, abraçada a uma almofada, com a camisa pelas ancas e os pés enrodilhados nos lençóis. Tranquilizado a seu respeito, desci ao *hall* para me informar. Falava-se de uma revolução. Mas isto pouco significava para quem, como eu, desconhecia a história daquele país antes da Descoberta, da Conquista e das viagens de alguns frades que comentaram os instrumentos musicais dos seus primitivos habitantes. Pus-me então a interrogar todos aqueles que, a julgar pelos seus numerosos comentários e o calor dos seus discursos, pareciam estar bem informados. Porém logo reparei que cada pessoa dava uma versão diferente dos acontecimentos, mencionando personalidades cujos nomes, evidentemente, nada significavam para mim. Tratei então de conhecer as tendências, as aspirações dos partidos em questão, sem conseguir chegar a resultados concretos. Quando julgava compreender que se tratava de um movimento de socialistas contra conservadores ou radicais, de comunistas contra católicos, as cartas baralhavam-se, ficavam invertidas as posições, e voltavam a mencionar-se os nomes, como se tudo o que acontecia fosse mais uma questão de pessoas do que de partidos. De cada vez que me interrogava era devolvido à minha ignorância pela relação dos factos que me pareciam histórias de guelfos e gibelinos, pelo seu surpreendente aspecto de questão familiar, de querela de irmãos inimigos, de luta entre gente que ainda ontem estava unida.

Quando me aproximava do que podia ser, segundo a minha maneira de raciocinar, um conflito político próprio da nossa época, caía em algo que mais se assemelhava a uma guerra de carácter religioso do que qualquer outra coisa. As rivalidades entre aqueles que pareciam representar a tendência avançada e a posição conservadora afiguravam-se-me, pelo espantoso desajuste cronológico das opiniões, como uma espécie de batalha desatada, para lá do tempo, entre homens que viveram em séculos diferentes. «É muito justo», respondia-me um advogado de labita, antiquado, que parecia aceitar os acontecimentos com uma surpreendente calma; «pense que, por tradição, nós estamos habituados ao convívio de Rousseau com o Santo-Ofício, e dos estandartes com as insígnias da Virgem com o *Capital...*» Entretanto, Mouche apareceu muito angustiada, pois fora acordada pelas sirenes das ambulâncias que passavam, agora, cada vez em maior quantidade, desembocando em pleno mercado de pássaros, onde, ao depararem subitamente com o falso obstáculo das gaiolas amontoadas, os condutores travavam brutalmente, esmagando com um solavanco as últimas pegas e verdilhões que restavam. Perante a desagradável perspectiva da forçada clausura, a minha amiga irritou-se grandemente contra os acontecimentos que transtornavam todos os seus planos. No bar, os estrangeiros jogavam às cartas e aos dados com mau humor, bebendo e resmungando contra os países mestiços que tinham sempre uma reserva de reserva. Soubemos, entretanto, que vários criados do hotel tinham desaparecido. Vimo-los passar, pouco depois, sob as arcadas fronteiras, armados de *Mausers*, com várias cartucheiras em bandoleira. Ao vermos que ainda conservavam os casacos brancos de serviço, rimo-nos do seu aspecto marcial. Mas, ao chegarem à esquina mais próxima, os dois que iam à frente dobraram-se, de repente, atingidos no ventre por uma rajada de metralhadora. Mouche soltou um grito de terror, levando as mãos ao seu próprio ventre. Recuámos todos em silêncio para o fundo do hall, sem conseguirmos retirar os olhos daqueles corpos estendidos sobre o asfalto ensanguentado, insensíveis já às balas que neles penetravam ainda, deixando novas marcas sangrentas na brancura do cotim. Agora, a risota feita um pouco antes pareceu-nos abjecta. Se nestes países se morria por paixões que me eram incompreensíveis, não era por esse motivo que a morte deixava de ser menos morte. À beira de ruínas contempladas sem orgulho de vencedor, eu pusera o pé, mais que uma vez, sobre corpos de homens mortos por defenderem causas que não podiam ser piores do que as invocadas aqui. Nesse momento passaram vários carros blindados — refugio da nossa guerra —, e quando o ruído das suas cremalheiras deixou de se ouvir, pareceu-me que o combate na rua recobrou uma maior intensidade. Nas imediações da fortaleza de Filipe II, as descargas fundiam-se por

momentos num fragor compacto que não permitia ouvir já as detonações isoladas, estremecendo o ar com uma ininterrupta deflagração que se aproximava ou afastava conforme a direcção do vento, como ondas de mar quebrando-se ao fundo. Às vezes, no entanto, havia uma trégua repentina. Parecia que tudo terminara. Ouvia-se o choro de uma criança doente na vizinhança, um galo cantava, uma porta batia. Mas, subitamente, uma metralhadora entrava em acção e os estrondos retornavam, aumentados com os uivos desgarrados das ambulâncias. Um morteiro acabava de abrir fogo perto da antiga Catedral, em cujos sinos uma bala batia às vezes com sonora martelada. «*Eh, bien, c'est gai!*», exclamou a nosso lado uma mulher de voz melodiosa e grave, com acento um pouco afectado, que se apresentou como canadiana e pintora, divorciada de um diplomata da América Central. Aproveitei a oportunidade para deixar Mouche a conversar, e ir beber um copo que me fizesse esquecer a presença, tão próxima, dos cadáveres que acabavam de se tornar rígidos, junto ao passeio. Depois de um almoço de carnes frias que não augurava nenhum futuro banquete, as horas da tarde passaram com incrível rapidez, entre leituras desordenadas, partidas de cartas, conversas desligadas de qualquer assunto, que não conseguiam esconder a angústia geral. Quando chegou a noite, Mouche e eu começámos a beber desafortadamente, fechados no nosso quarto, para não pensarmos demasiado nos acontecimentos; finalmente, encontrada a disponibilidade necessária, entregámo-nos ao jogo dos corpos, sentindo uma estranha e viva voluptuosidade ao abraçarmo-nos, enquanto outros, à nossa volta, se entregavam a jogos de morte. Havia algo do frenesim que anima os amantes de danças macabras no desejo de nos estreitarmos mais — de levar a minha possessão a um grau quase impossível — quando as balas zuniam por detrás das persianas, ou se incrustavam, quebrando o estuque, sobre a cúpula que coroava o edifício. Por fim, adormecemos sobre o tapete claro que cobria o soalho. E foi essa a primeira noite, depois de muito tempo, em que descansámos sem mascarilha nem drogas.

VI

(Sexta-feira, 9)

No dia seguinte, impedidos de sair, tratámos de nos adaptar à realidade de cidade sitiada, de barco de quarentena, que nos impunham os acontecimentos. Mas, longe de nos incitar à preguiça, a trágica situação que reinava nas ruas traduzia-se, entre estas paredes que nos defendiam do exterior, numa necessidade de fazer qualquer coisa. Quem tinha uma

profissão tratava de arranjar um *atelier* ou um escritório, como que para demonstrar aos outros que nas situações anormais era necessário agarrar-se a ocupações duradoiras. Sobre o estrado de música da sala de jantar, um pianista executava os trilos e requiebros de um rondó clássico, procurando sonoridades de cravo sob as teclas demasiado duras. As segundas bailarinas de uma companhia de *ballet* faziam barras ao longo do bar, enquanto a estrela aprimorava lentos arabescos sobre o encerado do pavimento, entre as mesas encostadas às paredes. Retiniam máquinas de escrever por todo o edifício. Na sala de correspondência, os negociantes manuseavam o conteúdo de grandes carteiras de pele de bezerro. Frente ao espelho do seu quarto, o *Kappelmeister* austríaco, convidado pela Sociedade Filarmónica da cidade, dirigia o *Requiem* de Brahms com gestos magníficos, dando as entradas de uma fuga a um vasto coro imaginário. No quiosque não havia uma única revista, um romance policial, qualquer leitura que distraísse. Mouche foi à procura do seu fato de banho, depois abriram-se as portas de um pátio resguardado, onde alguns inactivos tomavam banhos de sol em redor de uma fonte de mosaicos, entre arecas metidas em potes e rãs de cerâmica verde. Verifiquei com inquietação que os hóspedes precavidos tinham feito provisão de tabaco, esgotando os cigarros da tabacaria do hotel. Aproximei-me da entrada do *hall*, cuja grade de bronze estava fechada. Lá fora, o tiroteio diminuía de intensidade. Dava a impressão de haver como que pequenos grupos, guerrilhas, que se enfrentavam em diferentes bairros, desencadeando pequenas batalhas, mas implacáveis, a julgar pelas detonações precipitadas. Nos telhados e terraços ouviam-se tiros isolados. Havia um grande incêndio na parte norte da cidade: dizia-se que era um quartel que estava a arder. Como os nomes que pareciam dominar os acontecimentos nada significavam para mim, renunciei a fazer perguntas. Embrenhei-me na leitura de velhos jornais, distraindo-me com as notícias de regiões longínquas, que frequentemente se referiam a tempestades, cetáceos arrojados às praias e feitiçarias. Deram as onze horas — momento que eu esperava com certa impaciência — e reparei que as mesas do bar continuavam encostadas às paredes. Soube-se então que os últimos criados fiéis tinham partido, pouco depois da madrugada, para se juntarem à revolução. Esta notícia, que não me pareceu muito alarmante, teve o efeito de produzir um verdadeiro pânico entre os hóspedes. Abandonando as suas ocupações, acorreram todos ao *hall*, onde o gerente tentava acalmar os ânimos. Ao saber que não haveria pão nesse dia, uma mulher desatou a chorar. Entretanto, uma torneira aberta expeliu um gargarejo enferrujado, aspirando depois uma espécie de tirolesa que circulou por todos os canos de edifício. Ao ver cair o jorro que brotava da boca do tritão, no meio da fonte, compreendemos que a partir daquele

momento só poderíamos contar com as nossas reservas de água, que eram escassas. Falou-se de epidemias, de calamidades, que seriam agravadas pelo clima tropical. Alguém tentou comunicar com o seu Consulado: os telefones estavam cortados, a corrente faltava, o que lhes dava um ar de manetas, com o seu único auscultador pendurado no gancho, e tão inúteis no seu mutismo, que muitas das pessoas, irritadas, abanavam-nos, batiam com eles nas mesas, para os fazer falar. «É o Gusano», dizia o gerente, repetindo o gracejo que, na capital, acabara por ser a explicação de todas as catástrofes. «É o Gusano.» E eu pensava no muito que o homem se exaspera, quando as suas máquinas deixam de lhe obedecer, enquanto andava à procura de um escadote, para subir até ao postigo de uma casa de banho do quarto andar, do qual se podia olhar para o exterior sem perigo. Cansado de ver um panorama de telhados, reparei que algo de surpreendente se passava ao nível dos meus sapatos. Era como se uma vida subterrânea se tivesse manifestado, subitamente, retirando das sombras uma multidão de bestiolas estranhas. Pelos tubos sem água, cheios de soluços remotos, chegavam insectos bizarros, cochinchas de carapaças mosqueadas, e, como que engulosinadas pelo sabão, umas centopeias pequenas, que se enrolavam ao menor ruído, imobilizando-se no pavimento como uma diminuta espiral de cobre. Das torneiras surgiam antenas que espreitavam, desconfiadas, sem mostrarem o corpo que as movia. Os armários enchiam-se de ruídos quase imperceptíveis, papel roído, madeira raspada, e quem abrisse uma porta, de súbito, provocaria fugas de insectos ainda inábeis em correr sobre a madeira encerada, que ao mais pequeno resvala ficavam de patas para o ar, fazendo-se de mortos. Um frasco contendo uma poção açucarada, deixado sobre uma mesa-de-cabeceira, atraía uma caravana de formigas vermelhas. Havia alimárias debaixo dos tapetes e aranhas que espreitavam pelo buraco das fechaduras. Algumas horas de desordem, de desatenção do homem pela sua obra, bastaram, nesta cidade, para que os seres do húmus, aproveitando a falta de água dos canos interiores, invadissem a praça sitiada. Uma explosão muito próxima fez-me esquecer os insectos. Voltei ao *hall*, onde o nervosismo estava no auge. O *Kappelmeister* apareceu no alto da escadaria, batuta na mão, atraído pelo barulho das discussões. Perante a sua cabeça despenteada, o seu olhar severo e sombrio, fez-se silêncio. Olhávalo com uma confiante expectativa, como se fora investido de extraordinários poderes para aliviar a nossa angústia. Usando de uma autoridade à qual a sua profissão o havia acostumado, o maestro censurou a pusilanimidade dos alarmistas, e exigiu a nomeação imediata de uma comissão de hóspedes, encarregada de tomar conta da situação, quanto à existência de alimentos no edifício; caso contrário, ele, habituado a dirigir, imporia o racionamento. E para acalmar os ânimos, terminou

invocando o sublime exemplo do Testamento de Heiligenstadt. Algum cadáver, algum animal morto, estava a apodrecer ao sol, perto do hotel, pois um fedor de carne putrefacta penetrava pelas clarabóias do bar, únicas janelas exteriores que podiam estar abertas sem perigo, no rés-do-chão, por estarem mais acima da mísula que rematava os revestimentos de mogno. Além disso, desde manhã, parecia que as moscas se tinham multiplicado, voando com exasperante insistência em redor das cabeças. Cansada de permanecer no pátio, Mouche entrou no *hall*, atando o cordão da sua bata de felpe, queixando-se de que lhe tinham dado apenas meio balde de água para o duche, depois do banho de sol. Acompanhava-a a pintora canadiana de voz melodiosa e grave, não muito bonita, mas atraente apesar de tudo, que nos fora apresentada na véspera. Conhecia o país e encarava os acontecimentos com uma despreocupação que tinha a virtude de amenizar a contrariedade da minha amiga, afirmando que a situação se resolveria rapidamente. Deixei Mouche com a sua nova amiga e, respondendo ao apelo do *Kappelmeister*, desci à cave com os membros da Comissão para proceder a um inventário das subsistências. Verificámos rapidamente que era possível resistir ao cerco durante umas duas semanas, com a condição de não abusar daquilo que havia. O gerente, auxiliado pelo pessoal estrangeiro do hotel, comprometia-se a preparar para cada refeição um guisado simples de que nós próprios nos servíamos nas cozinhas. Caminhávamos sobre uma serradura húmida e fresca e a penumbra que reinava nessa dependência subterrânea, com seus odores de gordura, convidava à moleza. Bem-dispostos, fomos inspeccionar a adega onde havia garrafas e tonéis para muito tempo... Ao notarem que demorávamos a regressar, os outros desceram aos corredores da cave, encontrando-nos ao pé das vasilhas, bebendo por todos os recipientes que tínhamos à mão. A nossa informação suscitou uma alegria contagiosa. Toda a gente se pôs a encher garrafas e o álcool invadiu o edifício, desde as caves ao primeiro andar, provocando a substituição das máquinas de escrever pelos gramofones. A tensão nervosa das últimas horas transformara-se, para a maior parte, num desenfreado desejo de beber, enquanto o fedor da carne putrefacta se tornava mais penetrante e os insectos estavam por todos os sítios. Somente o *Kappelmeister* continuava de má catadura, amaldiçoando os agitados que, com a sua revolução, haviam impedido os ensaios do *Requiem* de Brahms. No seu despeito evocava uma carta em que Goethe cantava a natureza domesticada, «liberta para sempre das suas loucas e febris comoções». «Aqui, a selva!», rugia ele, estendendo os seus compridíssimos braços, como quando arrancava um *fortissimo* à sua orquestra. A palavra «selva» fez-me olhar para o pátio das arecas em potes, que tinham algo de grandes palmeiras quando vistas através da penumbra, na reverberação de paredes fechadas,

em cima, por um céu sem nuvens que traçava, às vezes, o voo de um abutre atraído pela carne putrefacta. Julgava que Mouche tinha voltado para o seu canapé; ao não a ver ali, pensei que estaria a vestir-se. Mas também não estava no nosso quarto. Depois de a esperar algum tempo, o álcool bebido manhã cedo, em grandes quantidades, levou-me a procurá-la. Saí do bar como quem decide um importante empreendimento, subindo a escada que partia do *hall*, entre duas cariátides de aspecto marmóreo e solene. Uma aguardente local com sabor a mel, misturada a outros álcoois vulgares, dera ao meu rosto uma expressão falsamente impassível; subitamente bêbado, fui do corrimão à parede, tacteando como um cego na escuridão. Quando me vi sobre degraus mais estreitos, numa espécie de falso mármore amarelo, apercebi-me de que já tinha ultrapassado o quarto andar, depois de muito ter andado, sem ter a menor ideia de onde se encontrava a minha amiga. Mas continuava o meu caminho, alagado de suor, obstinado, com uma tenacidade que não chegava a distrair aqueles que se afastavam ironicamente para me deixar passar. Percorria intermináveis corredores sobre uma passadeira vermelha, da largura de um carreiro, perante portas numeradas — intoleravelmente numeradas — que ia contando na passagem, como se isso fizesse parte do trabalho imposto. De súbito, uma forma conhecida fez-me deter, titubeando, com a sensação estranha de que não tinha viajado, de que sempre estivera além, em alguma das minhas deslocações quotidianas, em alguma casa sem estilo e impessoal. Eu conhecia este extintor de metal vermelho, com a sua placa de instruções; conhecia, há muito tempo também, a passadeira que pisava, os modilhões do tecto, e esses algarismos de bronze por detrás dos quais estavam os mesmos móveis, os mesmos utensílios, os mesmos objectos dispostos de idêntica maneira, junto de alguma gravura representando a *Jungfrau*, o Niágara ou a Torre de Pisa. Essa ideia de não me ter mudado fez passar sobre o meu corpo a contracção do rosto. Regressado a um mundo de colmeias, senti-me oprimido, comprimido, entre estas duas paredes paralelas, onde as vassouras abandonadas pelos serventes pareciam ferramentas deixadas por degredados em fuga. Era como se estivesse cumprindo a atroz condenação de passar toda uma eternidade entre números, folhas de um grande calendário fixadas nas paredes — cronologia de labirinto, que podia ser da minha vida, com a sua eterna obsessão do tempo, dentro de uma precipitação que apenas servia para me devolver, cada manhã, ao ponto de partida da véspera. Não sabia já quem procurava, naquele alinhamento de quartos, onde os homens não deixavam qualquer recordação da sua passagem. Angustiava-me a quantidade de degraus que tinha de subir ainda, para chegar ao andar onde o edifício se despia de gessos e ornatos em forma de acantos, feito de cimento cinzento com pedaços de

papel colado sobre os vidros quebrados, para proteger os criados das intempéries. O absurdo desta minha diligência fez-me lembrar a Teoria do Gusano, única explicação do trabalho de Sísifo, que eu estava cumprindo, com uma pedra-fêmea às costas. O riso que me provocou esta ideia afastou da minha cabeça o desejo de procurar Mouche. Eu sabia que quando ela bebia se tornava particularmente vulnerável a toda a solicitação dos sentidos e, ainda que isto não significasse uma vontade real de aviltar, podia levá-la ao limite das curiosidades mais equívocas. Mas isto deixava de interessar-me perante o pesado odre que as minhas pernas arrastavam. Voltei ao nosso quarto imerso em penumbra e deixei-me cair sobre a cama, de bruços, afundando-me num sono que imediatamente se transformou em pesadelos cuja ideia central era o calor e a sede.

Tinha a boca seca, de facto, quando ouvi que me chamavam. Mouche estava de pé, a meu lado, juntamente com a pintora canadiana que conhecêramos no dia anterior. Pela terceira vez voltava a encontrar-me com essa mulher de corpo um tanto anguloso cujo rosto de nariz direito sob uma fronte obstinada tinha uma certa impassibilidade de estátua que contrastava com uma boca insuficientemente desenvolvida, gulosa, de adolescente. Perguntei à minha amiga onde estivera durante aquele meio dia. «Acabou a revolução», disse, a modos de resposta. Parecia, de facto, que as estações de rádio estavam a anunciar a vitória do partido vencedor e o aprisionamento dos membros do anterior governo, pois aqui, segundo me disseram, a passagem do poder à prisão era muito frequente. Ia alegrar-me com o fim da nossa clausura, quando Mouche me avisou que durante um tempo indefinido haveria toque de recolher obrigatório, dado às seis da tarde, com severíssimas sanções para quem fosse encontrado nas ruas depois dessa hora. Perante este contratempo, que impedia toda a diversão da nossa viagem, pensei num regresso imediato que, além do mais, permitir-me-ia apresentar-me perante o Curador com as mãos vazias, providencialmente dispensado de devolver o dinheiro gasto na vã empresa. Mas a minha amiga estava já informada de que as companhias de aviação, extravasando de pedidos semelhantes, não poderiam conceder-nos passagens antes de uma semana, pelo menos. Além disso, não me pareceu que estivesse muito contrariada e, perante os factos, atribuí essa resignação à impressão de alívio que produz, forçosamente, o desfecho de qualquer situação violenta. Foi então que a pintora, respondendo a uma palavra de Mouche, me pediu que passássemos alguns dias na sua casa de Los Altos, aprazível povoação de veraneio, muito frequentada pelos estrangeiros, por causa do seu clima e dos seus ourives, na qual, por isso mesmo, os regulamentos da polícia eram aplicados com uma certa brandura. Tinha ali o seu estúdio, numa casa do século XVII, adquirida por uma bagatela, cujo pátio

principal parecia uma réplica do pátio da Pousada de la Saugre, em Toledo. Mouche aceitara já o convite, sem me consultar, e falava de alamedas floridas de hortênsias silvestres, de um convento que tinha altares barrocos, magníficos tectos de caixotões, e uma sala onde os professores se flagelavam, ao pé de um Cristo negro, frente à horripilante relíquia da língua de um bispo, conservada em álcool para lembrança da sua eloquência. Permaneci indeciso, sem responder, não por falta de vontade, mas por estar irritado com o desembaraço da minha amiga, e, como tinha passado o perigo, abri a janela sobre um crepúsculo anoitecido. Notei então que as duas mulheres se tinham vestido aparatosamente para descerem à sala de jantar. Ia rir-me disso quando vi na rua algo que me interessou bastante: uma mercearia, que me chamou a atenção pelo seu curioso nome de *La Fe en Dios*, com résteas de alhos pendurados nas vigas, abria a sua porta mais pequena para dar passagem a um homem que se aproximava rente às paredes, com uma cesta enfiada no braço. Pouco depois saía, carregado de pães e garrafas, com um charuto na boca, aceso. Como tinha acordado com uma lancinante vontade de fumar e não havia tabaco no hotel, chamei a atenção de Mouche para isso, ela que estava prestes a aproveitar as piriscas. Desci as escadas e, com medo de que a loja fechasse, atravesssei a praça numa correria. Já tinha vinte maços de cigarros nas mãos quando rebenta um tiroteio à entrada da rua mais próxima. Alguns franco-atiradores, postados sobre a vertente interior de um telhado, responderam com espingardas e pistolas por cima da linha de fogo. O dono da loja fechou apressadamente a porta, colocando grossas trancas por detrás das ombreiras. Sentei-me num banco, desnortado, apercebendo-me da imprudência cometida ao confiar nas palavras da minha amiga. A revolução tinha acabado, talvez, no que se referia à tomada dos centros vitais da cidade; mas continuava a perseguição aos grupos rebeldes. Nas traseiras da loja, várias vozes de mulheres murmuravam o rosário. Um odor a badejo em salmoura ficou-me atravessado na garganta. Virei umas cartas deixadas sobre o balcão, reconhecendo os paus, copas, ouros e espadas dos jogos espanhóis, cujas cores tinha esquecido. Agora os disparos tornavam-se mais espaçados. O merceiro olhava-me em silêncio, fumando um charuto, sob uma litografia simbolizando a miséria de quem vendeu a crédito, e a feliz opulência de quem vendeu a pronto. A calma que reinava dentro desta casa, o perfume dos jasmíns que cresciam debaixo de uma romãzeira no pátio interior, a gota de água filtrada por um velho cântaro, deixavam-me imerso numa espécie de modorra: um dormir sem dormir, entre cabeceamentos que me devolviam à realidade por alguns instantes. Deram as oito no relógio de parede. Já não se ouviam tiros. Entreabri a porta e olhei na direcção do hotel. No meio das trevas que o rodeavam brilhava por todas as

clarabóias do bar e os lustres do *hall* que se apercebiam através das grades da porta encimada por um toldo. Ouviam-se aplausos. Ao escutar seguidamente os primeiros compassos de *Les Barricades Mystérieuses*, percebi que o pianista estava executando algumas das peças estudadas naquela manhã ao piano da sala de jantar, e com muitos copos bebidos, sem dúvida, pois os dedos falhavam-lhe constantemente nos adornos e *appogiaturas*. Na sobreloja, por detrás das persianas de ferro, dançava-se. Todo o edifício estava em festa. Apertei a mão ao merceeiro e decidi-me a correr, quando soou um tiro — um apenas — e uma bala zuniu a poucos metros, a uma altura que podia ser a do meu peito. Recuei, com um medo atroz. Eu tinha conhecido a guerra, naturalmente, mas a guerra, vivida como intérprete do Estado-Maior, era uma coisa diferente: o risco repartia-se entre muitos e o recuar não dependia de um só. Aqui, em contrapartida, a morte esteve prestes a pregar-me uma rasteira, por culpa minha. Mais de dez minutos se passaram sem que uma detonação rasgasse a noite. Mas quando me interrogava se sairia novamente, ouviu-se outro disparo. Havia como que alguém de atalaia, postado em algum sítio, que, de quando em quando, despejava a sua arma — uma velha arma, de vareta, certamente — para manter a rua deserta. Não levaria mais do que uns segundos para atingir o passeio em frente; mas esses segundos bastariam para que eu desencadeasse um terrível jogo de azar. Pensava, por uma inesperada associação de ideias, no jogador de Buffon que lança um alfinete sobre o soa-lho, com a esperança de que não se cruze com as suas paralelas. Aqui as paralelas eram balas disparadas ao acaso, alheias aos meus desígnios, que fendiam o espaço exterior quando menos se esperava, e aterrava-me pensar que poderia ser eu o alfinete do jogador, e que, num ponto, num ângulo de possível incidência, o meu corpo se encontraria na trajectória do projectil. Por outro lado, a presença de uma fatalidade não intervinha nesse cálculo de probabilidades, já que dependia de mim o risco de tudo perder e nada ganhar. Eu devia reconhecer, ao fim e ao cabo, que não era o desejo de regressar ao hotel que me tinha desesperado no outro lado da rua. Repetia-se o que me havia impulsionado horas antes, na minha bebedeira, a caminhar através daquele edifício de imensos corredores. A minha impaciência de agora era devida à pouca confiança que eu depositava em Mouche. Pensando nela daqui, neste lado do fosso, sobre o detestável palco das probabilidades, julgava-a capaz das piores perfídias físicas, ainda que jamais tivesse podido formular uma acusação concreta contra ela, desde que nos conhecíamos. Eu não tinha em que fundamentar as minhas suspeitas, o meu eterno receio; mas sabia muito bem que a sua formação intelectual, rica em ideias que justificavam tudo, em argumentações — pretextos, podia incitá-la a prestar-se a qualquer experiência insólita, favore-

cida pela anormalidade do meio que esta noite a envolvia. Pensei que, por essa razão, não valia a pena enfrentar a morte só para me ver livre de uma simples dúvida. E, no entanto, não podia suportar a ideia de a saber ali, naquele edifício habitado pela embriaguez, liberta do peso da minha vigi- lância. Tudo era possível naquela casa da confusão, com suas adegas som- brias e seus inumeráveis quartos, acostumados a todo o tipo de relações que não deixam marca. Não sei por que razão se insinuou no meu espírito a ideia de que este leito da rua, que se alargava a cada tiro disparado, esse fosso profundo que cada bala tornava mais irrecuperável, era como uma advertência, como uma prefiguração de acontecimentos futuros. Naquele momento aconteceu qualquer coisa de estranho no hotel. As músicas e os risos pararam simultaneamente. Ouviram-se gritos, choros, apelos, em todo o edifício. Apagaram-se as luzes, acenderam-se outras. Havia como que uma surda comoção ali dentro, um pânico irremediável. E de novo rebenta a fuzilaria à entrada da rua mais próxima. Mas desta vez vi apare- cer várias patrulhas de infantaria, com espingardas e metralhadoras. Os soldados começaram a avançar lentamente, por detrás das colunas das ar- cadas, atingindo o local onde estava implantada a mercearia. Os franco-ati- radores tinham abandonado o telhado e as tropas regulares cobriam agora o troço de rua que me faltava atravessar. Fazendo-me acompanhar por um sargento, cheguei finalmente ao hotel. Quando abriram a grade e entrei no *hall*, parei estupefacto: sobre uma grande mesa de nogueira transformada em catafalco, jazia o *Kappelmeister*, com um crucifixo entre as lapelas do seu fraque. Quatro candelabros de prata, ornados de pâmpanos, sustinham — à falta de outros mais apropriados — as velas acesas: o maestro fora abatido por uma bala perdida, recebida numa das têmeoras, ao aproximar-se im- prudentemente da janela do seu quarto. Olhei as caras que o rodeavam: caras com a barba por fazer, sujas, amolecidas por uma bebedeira que havia espantado a própria morte. Os insectos continuavam a entrar pelos canos e os corpos cheiravam a um suor acre. Em todo o edifício reinava um fedor de latrinas. Emagrecidas, macilentas, as bailarinas pareciam espectros. Duas delas, vestidas ainda com os tules e malhas do adágio que tinham dançado momentos antes, afundaram-se soluçando nas sombras da grande escadaria de mármore. As moscas agora tinham invadido tudo, zumbindo em redor das luzes, correndo pelas paredes, pousando nas cabeleiras das mulheres. Lá fora, o odor da carne putrefacta aumentava. Encontrei Mou- che caída sobre a cama do nosso quarto, com uma crise de nervos. «Le- vá-la-emos para Los Altos quando for dia», disse a pintora. Os galos come- çaram a cantar nos pátios. Em baixo, sobre o passeio de granito, os candela- bros das cerimónias fúnebres estavam a ser descarregados de um camião negro com bandas prateadas por homens vestidos de negro.

VII

(*Sábado, 10*)

Tínhamos chegado a Los Altos, pouco depois do meio-dia, no pequeno comboio de via estreita, parecido com um comboio de parque de diversões, e tanto me agradava o lugar que, pela terceira vez nessa tarde, me debruçara da pequena ponte da torrente para contemplar no seu conjunto o que já percorrera palmo a palmo, vistoriando indiscretamente as casas, nos meus anteriores passeios. Nada do que se oferecia ao olhar era monumental ou notável; nada disso figurava ainda nos bilhetes-postais, nem era recomendado nos guias turísticos. E, neste recanto de província, onde cada esquina, cada porta cravejada, correspondia a um modo de viver particular, encontrava eu um encanto que, nas cidades-museus, as pedras demasiado manuseadas, demasiado fotografadas, haviam perdido. Vista de noite, a cidade dava a impressão de um presépio engastado numa montanha, com figuras divinas e figuras infernais retiradas das trevas pelos focos dos candeeiros de iluminação pública. Mas aqueles quinze focos, sempre rodeados por nuvens de insectos, tinham a função isoladora dos lampiões de retábulos, dos reflectores de teatro, mostrando em plena luz as estações do sinuoso caminho que conduzia ao Cimo do Calvário. Como os maus ardem sempre por debaixo, em toda a alegoria da vida recta e da vida dissipada, o primeiro foco iluminava a taberna dos arrieiros cheia de aguardente de uva, de cana, de agrião e de amora, lugar de má-fama, com bêbados adormecidos sobre os barris da entrada. O segundo foco deslizava sobre a casa de Lola, onde Carmen, Ninfa e Esperanza aguardavam vestidas de branco, de rosa e de azul, sob lanternas chinesas, sentadas no divã de veludo coçado que pertencera a um Ouvidor da Real Audiência. No espaço do terceiro foco giravam os camelos, leões e avestruzes de um carrossel, enquanto as cadeiras suspensas de uma estrela giratória subiam para as sombras e delas regressavam — pois a luz não atingia tais alturas — no espaço de tempo que levava a dobrar-se o cartão perfurado da *Valsa dos Patinadores*. Como caída do céu da Fama, a claridade do quarto foco envolvia a estátua do Poeta, filho insigne da cidade, autor de um laureado *Hino à Agricultura*, que continuava a versejar sobre uma folha de mármore com uma pluma que destilava azebre, guiado pelo indicador de uma Musa maneta. Sob o quinto foco nada havia de especial, para além de dois burros adormecidos. O sexto foco alumia a Gruta de Lourdes, trabalhosa construção de cimento e pedras trazidas de muito longe, obra tanto mais notável se se pensar que, para a fazer, fora necessário tapar uma gruta verdadeira que existia naquele local. O sétimo foco incidia sobre o

pinheiro verde-escuro e a roseira que trepava por um pórtico sempre fechado. Depois, era a catedral de espessos contrafortes cujo oitavo foco lhe acentuava os relevos: ele estava à altura do mostrador do relógio onde os ponteiros dormiam havia quarenta anos, e além disso, segundo as vozes das beatas e fingidas, marcavam as sete e meia de um próximo Juízo Final em que as mulheres sem-vergonha da vizinhança prestariam as suas contas. O nono foco correspondia ao Ateneu destinado às manifestações culturais e às comemorações patrióticas, com o seu pequeno museu onde se conservava uma argola na qual estivera presa, uma noite, a cama de rede do herói da Campanha dos Penhascos, um grão de arroz sobre o qual se copiaram vários parágrafos do *Dom Quixote*, um retrato de Napoleão feito com a letra x de uma máquina de escrever e uma colecção completa de serpentes venenosas da região, conservadas em frascos. Fechado, misterioso, enquadrado por duas colunas salomnicas de cor cinzento-escuro que sustentavam um Compasso aberto de um capitel a outro, o edifício da Loja ocupava todo o campo do décimo foco. Depois, era o Convento das Recolhidas, com a sua alameda mal definida pelo décimo primeiro foco, invadido de insectos mortos. Em frente era o quartel, que compartilhava a luz do foco seguinte com o coreto em estilo drico cuja cpula fora fendida por um raio, mas que servia ainda para os concertos de Verão, enquanto a juventude se passeava, rapazes de um lado, raparigas do outro. No cone do décimo terceiro foco empinava-se um cavalo verde, montado por um chefe militar de bronze deslavado, cuja espada desembainhada cortava a neblina em duas correntes tranquilas. Depois, era a faixa negra, tremelicante, de velas e fogareiros, das cabanas indias, com as suas pequenas estampas de nascimentos e de velórios. Mais em cima, no penúltimo foco, um pedestal de cimento aguardava o gesto sagitrio do Bravo Arqueiro, matador de conquistadores, que os franco-maons e comunistas encomendaram em pedra-talha para irritar os padres. Depois, era a noite cerrada. E na sua extremidade, tão em cima que parecia de outro mundo, a luz do alto que iluminava trs cruces de madeira, plantadas em montículos de calhaus, onde o vento soprava com mais força. A terminava o presépio urbano, com fundo de estrelas e de nuvens, salpicado de luzes diminutas que apenas se apercebiam. Tudo o resto era barro de telhados confundindo-se na sombra com o barro da montanha.

Transido pelo frio que caia das alturas, eu regressava agora, andando por ruas tortuosas, à casa da pintora. Devo dizer que essa personagem, à qual não prestara grande atenção nos dias anteriores — aceitando o acaso deste convívio como teria aceitado qualquer outro —, tornava-se-me cada vez mais irritante, depois da saida da capital, por causa da maneira como ela se insinuava no espírito de Mouche. Tendo-me parecido ao princípio

uma figura pouco relevante, transformara-se a pouco e pouco num ser incomodativo. Uma lentidão estudada, que dava peso às suas palavras, conferia às mais pequenas decisões que nos diziam respeito aos três uma autoridade apenas formulada e no entanto tenaz, à qual a minha amiga se rendia com uma doçura imprópria do seu carácter. Ela, que gostava tanto que os seus desejos fossem acatados, dava sempre razão a quem nos albergava, ainda que minutos antes estivesse de acordo comigo em renunciar ao que agora empreendia com um prazer quase ostentório. Saindo quando eu queria ficar, repousando quando eu falava em subir até às brumas da montanha, ela demonstrava, assim, o desejo de agradar constantemente à outra, observando as suas reacções e enaltecendo-as. Era evidente que Mouche concedia a essa nova amizade uma importância que revelava o quanto ela lamentava — ao fim de tão pouco tempo — uma certa ordem de realidades que deixáramos para trás. Enquanto as mudanças de altitude, a limpidez do ar, a alteração dos meus hábitos, o reencontro com a língua da minha infância, estavam operando em mim uma espécie de regresso, ainda hesitante mas já sensível, a um equilíbrio perdido há muito tempo, nela pressentiam-se — ainda que o não demonstrasse — indícios de aborrecimento. Nada do que até agora tínhamos visto correspondia, evidentemente, àquilo que ela quisera encontrar nesta viagem, no caso de ter querido encontrar alguma coisa, na realidade. E, no entanto, Mouche costumava falar inteligentemente da viagem que fizera através da Itália, antes do nosso encontro. Por essa razão, ao observar de que maneira eram infelizes as suas reacções perante este país que nos apanhara de surpresa, ignorantes do seu passado, sem informação livresca a seu respeito, começava a perguntar-me se, no fundo, as suas observações penetrantes acerca da misteriosa sensualidade das janelas do Palácio Barberini, a obsessão dos querubins nos tectos de São João de Latrão, a quase feminina intimidade de São Carlos das Quatro Portas, com seu Claustro repleto de curvas e recantos penumbrosos, não eram apenas citações oportunas, postas em dia, de coisas lidas, ouvidas, ingurgitadas em pequenas doses nas fontes mais conhecidas. No momento, os seus juízos correspondiam sempre a uma ideia estética do momento. Ela interessava-se pelos musgos ou pelas sombras se fosse considerado novidade falar-se disso; mas posta perante um objecto desconhecido, um facto dificilmente associável, um tipo de arquitectura que nenhum livro tivesse revelado, eu via-a, de repente, como que desconcertada, hesitante, incapaz de formular uma opinião válida, comprando um hipocampo poeirento, por literatura, onde pudera adquirir uma rústica miniatura religiosa de Santa Rosa com sua palma florida. Como a pintora canadiana fora amante de um poeta muito conhecido por seus ensaios sobre Lewis e Ana Radcliff, Mouche, alvoroçada, voltava a mover-se em terrenos

de surrealismo, astrologia, interpretação dos sonhos, com tudo o que isto acarretava consigo. Cada vez que se encontrava — e não era frequente, no entanto — com uma mulher que, segundo a sua expressão, «falava a mesma língua» entregava-se a essa nova amizade com uma dedicação desmesurada, uma delicadeza tal, um desassossego, que chegava a desesperar-me. Não lhe duravam muito tempo essas crises efusivas; acabavam tão depressa como tinham começado. Mas enquanto se mantinham, chegavam a despertar em mim as mais intoleráveis suspeitas. Agora, como de outras vezes, era um simples pressentimento, uma inquietação, uma dúvida; nada me provava haver algo de repreensível. Mas uma ideia lancinante apoderara-se de mim na tarde anterior, depois do enterro do *Kappelmeister*. No regresso do cemitério, onde fora com uma comissão de hóspedes, ainda restavam pétalas de flores mortuárias — demasiado perfumadas neste país — sobre o pavimento do *hall*. Os varredores de ruas procediam à remoção da carne putrefacta cujo fedor se fizera sentir tão abominavelmente durante o nosso isolamento, e como as patas do cavalo, descarnadas pelos abutres, não cabiam no carro, cortavam-nas à machadada fazendo voar os cascos, com ossos e ferraduras, por entre nuvens de moscas verdes que revolteavam sobre o asfalto. No interior, regressados da revolução como de um estado de coisas normal, os criados colocavam os móveis no seu lugar e davam brilho aos puxadores das portas com peles de camurça. Mouche, aparentemente, saíra com a sua amiga. Quando ambas reapareceram, passado o toque de recolher, declarando terem andado pelas ruas, perdidas entre a multidão que celebrava o triunfo do partido vitorioso, tive a impressão de que qualquer coisa de estranho se passava com elas. As duas tinham um não sei quê de fria indiferença perante tudo, de suficiência — como de gente que regressasse de uma viagem a domínios defendidos —, que não lhes era habitual. Eu observara-as insistentemente para lhes surpreender algum olhar de entendimento; pesava cada frase dita por uma ou outra parte, procurando-lhes um sentido oculto e revelador; esperava surpreendê-las com perguntas desconcertastes, contraditórias, mas sem o menor resultado. A minha prolongada frequência de certos lugares, o meu alardeado cinismo, mostravam-me que este comportamento era grotesco. E, no entanto, sofria de qualquer coisa muito pior que os ciúmes: a insuportável sensação de ter sido deixado de fora de um jogo que por não ser mais do que isso se tornava detestável. Não podia tolerar essa perfídia, a simulação, a representação mental dessa «coisa» oculta e deliciosamente urdida nas minhas costas por um pacto entre duas fêmeas. De súbito, a minha imaginação dava uma forma concreta às mais odiosas possibilidades físicas e, apesar de me ter repetido mil vezes que era uma habituação dos sentidos e não amor o que me unia a Mouche, sentia-me disposto a

comportar-me como um marido de melodrama. Eu sabia que quando passasse a tormenta e confiasse essas torturas à minha amiga, ela encolheria os ombros, afirmando que era demasiado ridículo para provocar a sua cólera, e atribuiria o machismo de tais reacções à minha primeira educação, decorrida num meio hispano-americano. Mas, uma vez mais, na quietude destas ruas desertas, as suspeitas me assaltaram. Acelerei o passo para chegar a casa quanto antes, ora com temor ora com desejo de uma evidência. Mas lá o inesperado aguardava-me: havia uma tremenda balbúrdia no estúdio, com muitos copos à mistura. Três jovens artistas tinham chegado momentos antes, fugindo, como nós, de um toque de recolher que os obrigava a encerrarem-se nas suas casas a partir do fim da tarde. Era tão branco o músico, tão índio o poeta, tão negro o pintor, que não pude deixar de pensar nos Reis Magos ao vê-los rodear a cama de rede em que Mouche, preguiçosamente recostada, respondia às perguntas que lhe faziam, como que prestando-se a uma espécie de adoração. O tema era um só: Paris. E eu observava agora que estes jovens interrogavam a minha amiga como os cristãos da Idade Média podiam interrogar o peregrino que regressava dos Lugares Santos. Não se cansavam de pedir pormenores acerca de como era o físico de tal chefe de escola que Mouche se gabara de conhecer; queriam saber se determinado café era ainda frequentado por tal escritor; se dois outros se tinham reconciliado depois de uma polémica acerca de Kierkegaard; se a pintura não-figurativa continuava a ter os mesmos defensores. E quando o seu conhecimento de francês e de inglês não chegavam para entender tudo o que lhes contava a minha amiga, eram olhares implorantes na direcção da pintora canadiana para que se dignasse traduzir alguma anedota, alguma frase cuja preciosa essência se podia perder para eles. Agora que, tendo-me intrometido na conversa com a maligna intenção de impedir Mouche de brilhar (eu interrogava esses jovens sobre a história do seu país, os primeiros balbuceios da sua literatura colonial, as suas tradições populares), podia observar como lhes era pouco agradável o desvio da conversa. Perguntei-lhes então, para não deixar a palavra à minha amiga, se tinham experiência da selva. O poeta índio respondeu, encolhendo os ombros, que nada havia para ver nesses sítios, por mais longe que se andasse, e que tais viagens eram para os estrangeiros ávidos de coleccionar arcos e aljavas. A cultura — afirmava o pintor negro — não se encontrava na selva. Segundo o músico, o artista actual não podia viver senão onde o pensamento e a criação estivessem mais activos. E evocava mentalmente a cidade cuja topografia intelectual estava no espírito dos seus companheiros, muito dados, segundo a própria confissão, a sonhar acordados perante uma *Carte Taride*, cujas estações de «metro» estavam representadas em espessos círculos azuis: *Solferino*, *Oberkampf*,

Corvisard, Mouton-Duvernet. Entre *esses* círculos, por cima do desenho das ruas, cortando várias vezes a clara artéria do Sena, estavam as próprias linhas, entrelaçadas como malhas de uma rede. Nela cairiam os jovens Reis Magos, guiados pela estrela cintilante do grande presépio de Saint-Germain-des-Prés. Segundo o estado do tempo falar-lhes-iam do desejo de evasão, das vantagens do suicídio, da necessidade de esbofetear cadáveres ou de disparar sobre o primeiro transeunte. Algum professor em delírio far-lhes-ia abraçar o culto de um Dioniso, «deus do êxtase e do espanto, da selvajaria e da liberdade, deus louco cuja simples aparição põe os seres vivos em estado de delírio», ainda que sem lhes dizer que o invocador desse Dioniso, o oficial Nietzsche, se fizera retratar uma vez com o uniforme da *Reechswehr*, com um sabre na mão e o capacete pousado sobre uma mesinha de estilo muniquense, como agoirenta prefiguração do deus do terror que se desencadearia, na realidade, sobre a Europa da *Nona Sinfonia*. Via-os enfraquecer e empalidecer nos seus estúdios sem luz nem aquecimento — esverdeado o índio, sisudo o negro, pervertido o branco —, cada vez mais alienados do Sol deixado para trás, tratando desesperadamente de fazer o que os outros faziam, por direito próprio, debaixo da rede. Anos mais tarde, depois de terem perdido a sua juventude, regressariam aos seus países de olhar vazio, o entusiasmo quebrado, sem forças para empreender a única tarefa que me pareceu oportuna no meio que, presentemente, me vai revelando aos poucos a natureza dos seus valores: a tarefa de Adão dando um nome às coisas. Esta noite eu percebia, ao olhá-los, todo o mal que me fizera um desenraizamento prematuro do meio em que vivi até à adolescência; quanto contribuía para me desorientar o fácil brilho dos homens da minha geração, levados por teorias aos mesmos labirintos intelectuais, para se deixarem devorar pelos mesmos Minotauros. Certas ideias fatigavam-me, agora, de tanto as utilizar, e sentia um obscuro desejo de dizer qualquer coisa que não fosse o quotidianamente dito aqui, além, por quantos se consideravam «ao corrente» de coisas que seriam negadas, detestadas, dentro de quinze anos. Uma vez mais me chegavam aqui as discussões que tanto me divertiam, às vezes, na casa de Mouche. Mas debruçado nesta varanda, sobre a corrente, agitada surdamente no fundo da ravina, respirando um ar cortante que cheirava a feno molhado, tão próximo das criaturas da terra que rastejavam debaixo das verdes luzernas com reflexos avermelhados contendo a morte nas suas presas, neste momento, quando a noite me era quase palpável, certos temas da «modernidade» tornavam-se-me intoleráveis. Quisera silenciar as vozes que se manifestavam atrás de mim para encontrar o diapasão das rãs, a tonalidade aguda do grilo, o ritmo de uma carroça com as rodas chiando, para lá do Calvário envolto pelas névoas.

Irritado contra Mouche, contra todo o mundo, com vontade de escrever qualquer coisa, de compor algo, saí de casa descendo em direção às margens da corrente, para voltar a contemplar as estações do retábulo da cidade. Em cima, no piano da pintora, iniciou-se uma tentativa de acordes. Depois, o jovem músico — a dureza da pulsação revelava a presença do compositor por detrás dos acordes — começou a tocar. Por brincadeira contei doze notas, sem nenhuma repetida, até regressar ao *mi bemol* inicial daquele andante crispado. Teria apostado: o atonalismo já cá chegara, já se conheciam as suas receitas neste país. Continuei a descer até à taberna para beber uma aguardente de amoras. Envolto nas suas mantas, os arrieiros falavam de árvores que sangravam quando eram feridas pelo machado em Sexta-Feira Santa, e também de cardos que nasciam do ventre das vespas mortas pelo fumo de certa lenha dos montes. De súbito, como que saído da noite, um harpista aproximou-se do balcão. Descalço, com o seu instrumento a tiracolo, o chapéu na mão, pediu licença para compor um pouco de música. Vinha de muito longe, de uma aldeia do distrito das Tembladeras, onde fora cumprir, como em outros anos, a promessa de tocar frente à igreja no dia da festa da Invenção da Cruz. Agora, como recompensa da sua arte, só queria reconfortar-se com uns bons copos de aguardente de piteira. Fez-se silêncio, e com a gravidade de quem oficia um rito, o harpista colocou as mãos sobre as cordas, entregando-se à inspiração de um prelúdio, para desentumescer os dedos, que me encheu de admiração. Havia nas suas escalas, nos seus recitativos de desenho rigoroso, interrompidos por acordes majestosos e amplos, algo que evocava a festiva grandeza dos preâmbulos de órgão da Idade Média. Ao mesmo tempo, pela afinação arbitrária do instrumento rústico, que obrigava o executante a manter-se dentro de uma gama isenta de certas notas, tinha-se a impressão de que tudo obedecia a um magistral manejo dos modos antigos e dos tons eclesiásticos, atingindo-se, pelos caminhos de um primitivismo verdadeiro, as procuras mais válidas de certos compositores da nossa época. Aquela improvisação de grande fôlego evocava as tradições do órgão, da viola e do alaúde, retirando um novo frémito de vida da caixa de ressonância, de forma cônica, que se encaixava entre os tornozelos descarnados do músico. Depois, foram danças. Danças de um vertiginoso movimento, em que os ritmos binários passavam com uma incrível desenvoltura sob compassos a três tempos, tudo dentro de um sistema modal que jamais se vira submetido a semelhantes provas. Deu-me vontade de ir a casa e trazer o jovem compositor arrastado por um orelha, para que aprendesse uma lição. Entretanto, apareceram os polícias com as suas capas de oleado e lanternas de ronda, ordenando o fecho da taberna. Fui informado de que aqui também seria obrigatório, durante vários dias, o toque de recolher

até ao pôr-do-sol. Essa desagradável evidência que viria a estreitar ainda mais a nossa — para mim ingrata — vida em comum com a canadiana, fez-me tomar, de súbito uma decisão que era o ponto culminante de todo um processo de reflexões e recapitações. De Los Altos partiam os autocarros que conduziam ao porto, do qual havia maneira de atingir, por rio, a grande Selva do Sul. Não continuaríamos a viver a vigarice imaginada pela minha amiga, apesar de as circunstâncias se lhe oporem a cada momento. Graças à revolução, o meu dinheiro havia aumentado muito no câmbio com a moeda local. O mais simples, o mais honesto, o mais interessante, em suma, era empregar o tempo de férias que me restava cumprindo com o Curador e com a Universidade, levando a cabo, honestamente, a tarefa encomendada. Para não voltar atrás com o que decidira, comprei ao taberneiro dois bilhetes para o autocarro de madrugada. Não me importava com o que Mouche fosse pensar: pela primeira vez sentia-me capaz de lhe impor a minha vontade.